

**RELAÇÃO ENTRE CONFLITO CONJUGAL E USO DE DROGAS
EM ADOLESCENTES: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO**

por

Carlos Tadeu Grzybowski

Dissertação apresentada ao
Curso de Mestrado em Psicologia da Infância e da Adolescência
Setor de Ciências Humanas Letras e Artes
Universidade Federal do Paraná
como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre

Março, 2001

BC/MUFPR
DOAÇÃO DO AUTOR
R\$ 15,00
@ 16/05..R.001

PR-00028494-5

BC/MUFPR - MEMORIA DA UNIVERSIDADE F. DO PARANA
AUTOR
R\$ 15.00 - Doacao
Termo No. 195/01 Registro:319,843
25/06/2001

UFPR: Sistema de Bibliotecas

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

A dissertação:

"Relação entre conflito conjugal e o uso de drogas em adolescentes: um estudo
exploratório"

elaborada por

Carlos Tadeu Grzybowski

E aprovada por todos os membros da Banca Examinadora foi aceita pelo Departamento de Pós-graduação em Psicologia e homologada pelo Conselho de Ensino para Graduados e Pesquisa, como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM PSICOLOGIA

Curitiba, 23 de março de 2001

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Uriel Heckert

Profª. Dra. Paula Inês Cunha Gomide

Prof. Dr. Luis André Kossobudzki

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos Sabine e Lukas.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos àqueles que tornaram possível a realização desta pesquisa:

- à Coordenação pedagógica do Colégio Martinus, especialmente à Profa. Ethel Fischer por sua prontidão em colaborar na coleta da amostra;
- à psicóloga Silvana de Lara, que muito labutou para realizar os questionários com as famílias de usuários de drogas;
- às instituições públicas e particulares que trabalham na recuperação de dependentes químicos e que gentilmente abriram suas portas e seus prontuários para a seleção da amostra;
- aos colegas psicólogos e psiquiatras que igualmente se dispuseram a colaborar, aplicando os questionários em seus pacientes usuários de drogas;
- aos colegas de mestrado, que com seu incentivo, solidariedade e indicações oportunas, sempre ajudaram a manter alta a motivação para o desempenho deste trabalho;

A todos a minha eterna gratidão e carinho!

SUMÁRIO

A presente pesquisa procurou relacionar o uso de drogas em adolescentes com o nível de conflito existente entre os pais. No esteio de várias pesquisas realizadas relacionando o uso de drogas e as relações familiares, foi proposta uma avaliação do efeito do relacionamento entre o casal e a percepção de como este relacionamento afeta os filhos adolescentes, no que diz respeito ao uso de drogas. Foram escolhidas como sujeitos da pesquisa 21 famílias de usuários de drogas, aos quais foram submetidos dois questionários: Folha de Análise de Conflitos e Family Assessment Measure Version III, com o objetivo de dimensionar o nível de conflito na relação conjugal e a percepção dos filhos sobre o mesmo. Para dar suporte aos dados do questionário, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 04 famílias, selecionadas aleatoriamente do grupo que respondeu aos questionários. Um grupo de 25 famílias de não usuários foi usado para comparar os dados. Os dados coletados foram tratados estatisticamente e analisados qualitativamente. Constatou-se que nos instrumentos aplicados que existem diferenças entre os resultados apresentados pelos pais e mães de usuários em comparação com os resultados apresentados pelos pais e mães de não-usuários, quanto à concordância/discordância sobre os temas do relacionamento conjugal, mas não existem diferenças significativas entre os resultados apresentados pelos adolescentes usuários em relação aos dados apresentados pelos adolescentes não-usuários, quanto à percepção da concordância/discordância dos pais sobre o relacionamento conjugal. O nível de significância adotado foi de 5%. Confirmou-se a hipótese estatística de que o nível de conflito entre casais cujos filhos são usuários de drogas é maior quando comparado ao nível de conflito entre casais cujos filhos não são

usuários de drogas, podendo indicar que existe uma relação entre o nível de conflito conjugal e o uso de drogas pelo filho adolescente.

ABSTRACT

The purpose of this research is to bring into relation the use of drugs by teenagers with the existing level of conflict of such age group with their parents. Many researches have been carried out in the past aiming to bring into relation the use of drugs and intra-relationship among family members. This research focusing on to what extent the relationship between wives and husbands and the perception of such relationship does affect the use of drugs on by teenagers. Twenty-one families of drug users have been selected and have been subject to two questionnaires: Conflict Analysis Form and Family Assessment Measure Version III - FAM III. The objective of such procedures was to measure the level of conflict within the couple's relationship as well as their children's perception of such relationship. In order to provide support to the data obtained through the completion of questionnaires, semi-structured interviews have been carried out with four families randomly chosen from the group that had answered the questionnaires. A group of twenty-five families with no drug users was studied in order to compare the collected data from each individual group. The collected data has been statistically processed and quantitatively analysed.

Based on the collected data gathered from the surveyed group subject to the first type of questionnaire, it has been ascertained a level of statistical significance between the data obtained from the parents of drug users and the data obtained from the parents of non-drugs users. It has not been ascertained however, a level of significance statistical between the data obtained from the group of adolescent drug users if compared to the data obtained from the group of adolescent non-drug users. After analysing the second questionnaire, it

has been ascertained that there is level of statistical significance between the data obtained from the group of parents and children within families with drug users if compared to the data obtained from the group of parents and children within families with non-drug users. The level of statistical significance applied was 5 %. The statistical hypothesis which maintains that there is a higher level of conflict among couples whose children are drug users has been confirmed. Such confirmation may indicate that there is a relationship between the couple's level of conflict and use of drugs by their adolescent children.

ÍNDICE

	Página
LISTA DE TABELAS	ix
LISTA DE FIGURAS	xi
LISTA DE ANEXOS.....	xii
Capítulo	
I. O PROBLEMA.....	1
Formulação da situação problema	
Objetivo	
Hipótese de Pesquisa	
Hipóteses Estatísticas	
Definição de termos	
Organização do restante do estudo	
II. REVISÃO DE LITERATURA	8
Fatores etiológicos do uso de drogas	
III. METODOLOGIA	24
Participantes	
Características da Amostra	
Esclarecimento sobre a escala sócio econômica	
Procedimentos	
Instrumentos de Medida	
Tratamento e Análise dos Dados	
Limitações Metodológicas	
IV. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	36
V. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
ANEXOS	94

LISTA DE TABELAS

Tabela	Página
1. Comparação entre os percentuais totais das respostas de pais de usuários e pais de não usuários de drogas na Folha de Análise de Conflitos (Pais).....	37
2. Comparação entre os percentuais de cada item das respostas de pais de usuários e pais de não usuários de drogas na Folha de Análise de Conflitos (Pais).....	39
3. Comparação entre os percentuais totais das respostas de pais de usuários e pais de não usuários de drogas no Family Assessment Measure – Escala de Relacionamentos Diádicos	52
4. Comparação entre os percentuais de cada item das respostas de pais de usuários e pais de não usuários de drogas no FAM III – Escala de Relacionamentos Diádicos.....	54
4a – Comparativo das respostas discordantes entre pais de usuários e de não-usuários de drogas nas questões relativas ao tema de resolução de problemas no FAM III	57
4b – Comparativo das respostas discordantes entre pais de usuários e de não-usuários de drogas nas questões relativas ao tema de realização de papéis no FAM III	58
4c – Comparativo das respostas discordantes entre pais de usuários e de não-usuários de drogas nas questões relativas ao tema de comunicação no FAM III	59
4d – Comparativo das respostas discordantes entre pais de usuários e de não-usuários de drogas nas questões relativas ao tema de expressão afetiva no FAM III	60
4e – Comparativo das respostas discordantes entre pais de usuários e de não-usuários de drogas nas questões relativas ao tema de envolvimento no FAM III –	61
4f – Comparativo das respostas discordantes entre pais de usuários e de não-usuários de drogas nas questões relativas ao tema de controle no FAM III	62
4g – Comparativo das respostas discordantes entre pais de usuários e de não-usuários de drogas nas questões relativas ao tema de valores e normas no FAM III	64

5. Comparação entre os percentuais totais das respostas de adolescentes usuários e adolescentes não-usuários de drogas na Folha de Análise de Conflitos (Adolescentes) 68
6. Comparação entre os percentuais de cada item das respostas de adolescentes usuários e adolescentes não usuários de drogas na Folha de Análise de Conflitos (Adolescentes). 70

LISTA DE FIGURAS

	Página
Figura:	
1 - Comparativo entre as respostas de pais de usuários e pais de não usuários de drogas na Folha de Análise de Conflitos (Pais).....	38
2 – Respostas discordantes de pais e mães de usuários e pais e mães de não usuários de drogas por tema na Folha de Análise de Conflitos (Pais)	40
3 - Comparativo entre as respostas de pais de usuários e pais de não usuários de drogas no FAM – III Escala de Relacionamentos Diádicos.....	53
4 – Comparativo entre as respostas de adolescentes usuários e adolescentes não-usuários de drogas na Folha de Análise de Conflitos (adolescentes).....	69
5 – Respostas discordantes de adolescentes usuários e adolescentes não usuários de drogas por tema na Folha de Análise de Conflitos (Adolescentes)	71

LISTA DE ANEXOS

Anexo	Página
1. Questionário de pré-seleção de usuários	xiii
1b. Classificação de classes sócio-econômicas no Brasil	xiv
2. Roteiro de entrevista sobre conflitos conjugais (para os pais)	xv
3. Folha de Análise de Conflitos – para os pais	xvi
4. FAM-III – Escala de relacionamentos diádicos para os pais	xvii
5. Roteiro de entrevista sobre conflitos conjugais (para os filhos).....	xix
6. Folha de Análise de Conflitos – para os adolescentes	xx
7. Carta à direção do Colégio Martinus	xxi
8. Carta convite às famílias voluntárias do colégio	xxii
9. Carta às instituições de atendimento a usuários de drogas	xxiii
10. Instruções de preenchimento dos questionários – famílias de não-usuários	xxiv
11. Instruções de preenchimento dos questionários – famílias de usuários	xxv

CAPÍTULO I

O PROBLEMA

Nos últimos 30 anos, muito se tem investigado a respeito dos motivos e razões que levam os adolescentes ao uso e abuso de drogas ilícitas e álcool. O fenômeno tornou-se mais evidente especialmente depois da revolução contra-cultural hippie, e conseqüentemente despertou maior interesse como objeto de pesquisa dos cientistas sociais.

A maioria das pesquisas sociais realizadas aponta para uma compreensão multifatorial do fenômeno (Gutierrez, Molof & Ungerleider, 1994; Humes & Humphrey, 1994; Monteiro, 1990). Segundo Yaria (1995),

devem existir três possibilidades que, em alguns casos complementam-se e, em outros funcionam independentemente. Essas três possibilidades correspondem a três séries diferentes: a personalidade, o núcleo familiar continente e o meio social que leva ao vício. (Yaria, 1995, p.21).

Todavia outros pesquisadores apontam para alguns fatores da bioquímica orgânica como sendo variáveis significativas para o surgimento da conduta.

Pesquisas recentes sugerem que vários sistemas cerebrais distintos, cada qual com sua química própria, podem estar ao fundo dos efeitos reforçadores das diferentes drogas. Mais fascinante é a observação de que o que seja ou não reforçador depende da história do animal e das condições do ambiente. (Jaffe, Peterson & Hodgson, 1981, p. 14)

É entre os adolescentes que as drogas proliferam mais. Por adolescentes entende-se o grupo de pessoas com idade entre 10 e 20 anos, de ambos os sexos, de todas as classes sociais e grupos étnicos (OMS, 1977). Os adolescentes que se utilizam ou que já se

utilizaram de drogas ilícitas, por um período de suas vidas, serão denominados neste trabalho de usuários, independentemente se tal uso gerou dependência física ou psíquica, ou não.

Dentre os muitos fatores que se tem pesquisado, a influência do relacionamento familiar é um dos mais mencionados (Denton & Kampfe, 1994; Zimmel, 1980). Para Gameiro (1993) é difícil de se estabelecer uma relação entre um modelo específico de família e o uso de drogas pelo adolescente. Todavia ele encontrou nas famílias de usuários, uma taxa de separações/divórcios superior à população em geral. Hoffmann (1994), pesquisando especificamente o uso da maconha, chama a atenção para o fato que a estrutura familiar pode não interferir diretamente no uso de drogas pelo adolescente, mas que as diferentes estruturas correspondem diferentes processos relacionais dentro das famílias e estes processos, sim, podem ter efeitos diretos sobre o uso de drogas na adolescência. Além disto ele conclui que há diversos efeitos das relações familiares em diferentes idades ou etapas da adolescência.

Brody e Forehand (1993), pesquisaram a relação entre a qualidade do relacionamento entre o casal e o uso de substâncias e vínculo com grupos de iguais pelos adolescentes. Segundo estes autores, o processo familiar e não o divórcio per si é o principal responsável pelo uso de drogas pelos adolescentes e concluem que apesar de encontrarem que os conflitos entre os pais não estão relacionados diretamente com o uso de drogas pelos filhos, sugerem que se façam pesquisas específicas nesta área.

Os resultados das análises de Buehler, Krishnakumar, Stone, Anthony, Pemberton e Gerard (1998) proporcionam suporte empírico para a idéia que um estilo de conflito interparental hostil está associado a problemas de comportamento nos adolescentes, incluindo nestes problemas o uso de drogas.

De igual forma, Nurco e Lerner (1996) afirmam que

duas notáveis lacunas na literatura sobre fatores familiares que contribuem à dependência narcótica, referem-se à qualidade dos cuidados parentais (como indicado pela frequência da presença dos pais no lar ou figuras paternas), e a qualidade da atmosfera do lar (morna/fria, estável/instável, estruturada/desestruturada, e outras dimensões deste fator) ().*

Nurco et al., (1996), encontraram uma menor vulnerabilidade para o uso de drogas em adolescentes que viviam em famílias onde quatro características estavam presentes: forte apego ao pai, uma atmosfera positiva no lar, forte aceitação paterna de crenças tradicionais sobre bom comportamento para adolescentes e forte desaprovação paterna de maus comportamentos específicos em que os sujeitos adolescentes (hipoteticamente) se envolveriam.

Um estudo sobre adolescentes (Dolan, Pelletier & Reid, 1993), estabelece uma forte relação entre famílias incompletas e nas quais o relacionamento com os pais era difícil e a fuga de casa, uso de drogas, depressão e suicídio entre adolescentes.

Os padrões de comunicação familiar também foram alvo de estudo na relação com o uso ou não de drogas pelos adolescentes. Skinner e Slater (1995) concluíram que adolescentes rebeldes provindos de famílias orientadas para o conformismo, avaliam as mensagens antidrogas oriundas dos pais como pouco confiáveis.

Já Van Schoor e Beach (1993) consideram o uso de drogas pelos adolescentes como uma tentativa mal adaptada de solução do processo de separação da família de origem pelo adolescente.

Denton et al. (1994), realizaram uma extensa revisão de literatura sobre os trabalhos que abordam as variáveis familiares e o uso de drogas por adolescentes, e concluíram que há uma forte relação entre estes aspectos. Com base nestas conclusões, recomendam os profissionais a considerarem tais estudos em seus programas preventivos.

* Tradução feita pelo autor deste trabalho - as traduções não especificadas na bibliografia seguem este padrão.

Conforme Silva e Formigoni (1999), é importante avaliar-se o funcionamento familiar dos usuários de drogas, pois além de auxiliar nos dados do diagnóstico clínico e no planejamento de um possível tratamento, pode-se dimensionar o grau de influência da família na manutenção ou não do comportamento de uso de drogas.

Os diversos estudos já realizados indicam que, mesmo sendo objeto de várias pesquisas, muito ainda precisa ser conhecido a respeito dos fatores que levam os adolescentes ao uso de drogas.

Formulação da Situação Problema

Os estudos de Brody et al., (1993) sobre a relação entre o uso de drogas e divórcio, sugerem a necessidade de pesquisas específicas sobre a relação entre o uso de drogas e o nível de conflitos conjugais.

Nurco et al. (1996) indicam que uma das lacunas na literatura científica sobre fatores familiares que pode estar associada ao uso de drogas pelos adolescentes refere-se à qualidade da atmosfera no lar.

No último catálogo publicado pelo CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas (1997), que reúne a quase totalidade dos trabalhos científicos sobre drogas realizados no Brasil, não há nenhum trabalho que procure relacionar o uso de drogas e o relacionamento conjugal/familiar.

Segundo Buehler et al. (1998), em um estudo das dinâmicas familiares a partir do modelo da Teoria Sistêmica, um estilo de conflito interparental hostil está associado a problemas de comportamento nos jovens.

A soma destes quatro fatores motivou a investigação da relação entre o nível de conflito conjugal, ou seja, situações que provocam tensões e que acabam gerando

discussões ou outras condutas disfuncionais no relacionamento entre o casal (pais dos adolescentes) e o uso de drogas pelos filhos.

Objetivos do Estudo

Os objetivos deste estudo foram:

1. verificar se existe uma relação entre o uso de drogas pelos adolescentes e os conflitos existentes na relação conjugal entre os pais dos mesmos.
2. verificar a percepção dos filhos, adolescentes, usuários de drogas a respeito dos conflitos na relação conjugal de seus pais.

Hipóteses de Pesquisa

A partir dos objetivos do estudo foram especificadas as seguintes hipóteses:

1. existe uma relação entre o nível de conflito entre os pais e o uso de drogas pelos filhos adolescentes.
2. adolescentes usuários de drogas percebem as relações conjugais entre seus pais como sendo mais conflitivas do que adolescentes não-usuários de drogas.

Hipóteses de Estatísticas

Com base nas hipóteses de pesquisa foram formuladas as hipóteses estatísticas em sua forma nula e alternativa, a serem testadas ao nível de significância de 5%.

Hipótese 1:

H₀: não existem diferenças estatisticamente significativas entre o nível de conflito conjugal em famílias de usuários e o nível de conflito conjugal em famílias de não-usuários de drogas.

H₁: existem diferenças estatisticamente significativas entre o nível de conflito conjugal em famílias de usuários e o nível de conflito conjugal em famílias de não-usuários de drogas.

Hipótese 2:

H₀: não existem diferenças estatisticamente significativas na percepção de adolescentes usuários de drogas sobre o nível de conflito entre seus pais e a percepção de adolescentes não-usuários de drogas sobre o nível de conflito entre seus pais.

H₁: existem diferenças estatisticamente significativas na percepção de adolescentes usuários de drogas sobre o nível de conflito entre seus pais e a percepção de adolescentes não-usuários de drogas sobre o nível de conflito entre seus pais

Definição de Termos

Para este estudo os termos utilizados foram assim definidos:

DSM-IV: Manual descritivo de enfermidades mentais e todo tipo de alterações de comportamento largamente utilizado na psicopatologia.

Drogas [substâncias]: Todo o tipo de droga ilegal utilizada para provocar algum estado de alteração de consciência. O termo droga é usado como sinônimo de substância, terminologia esta apresentada pelo DSM-IV.

Conflito conjugal: São comportamentos, afetos ou estratégias usadas para expressar desacordos, divergências ou interesses opostos entre o casal.

Adolescência: A Organização Mundial da Saúde estabelece como limites da adolescência, as idades entre 10 e 20 anos. (OMS, 1977).

Usuários: Pessoas que se utilizam ou que já se utilizaram de drogas, por um período de suas vidas.

Nível de conflito: É a diferença entre a soma das respostas QD (quase sempre em desacordo) com as respostas SD (sempre em desacordo) e a soma das respostas QA (quase sempre de acordo) com SA (sempre de acordo), no questionário Folha de Análise de Conflitos, ou é a diferença entre a soma das respostas D (discordo) com as respostas DM (discordo muito) e a soma das respostas CM (concordo muito) com C (concordo) no questionário FAM III – Relacionamentos Diádicos.

Organização do Restante do Estudo

O restante deste estudo está assim organizado:

O capítulo II apresenta a revisão da literatura em termos de fatores etiológicos do uso de drogas.

O capítulo III descreve a metodologia empregada.

O capítulo IV apresenta os resultados do estudo e sua discussão.

Finalmente no capítulo V são apresentadas as conclusões e recomendações.

CAPÍTULO II

REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo aborda os diversos estudos sobre fatores ligados ao uso de drogas em especial os pertinentes à influência do relacionamento familiar no uso de drogas pelos filhos adolescentes.

Fatores etiológicos do uso de drogas

Publicações científicas da primeira metade do século XX, já vislumbravam a multivariabilidade dos fatores predisponentes (Nogueira, 1944) e já apontavam alguma relação com a desatenção no lar.

Existe unanimidade entre os autores atualmente que a dependência de drogas tem uma origem multifatorial (Gutierrez et al., 1994; Humes et al., 1994; Monteiro, 1990). Todavia a grande maioria dos pesquisadores incluiu algum tipo de variável familiar entre os fatores de risco.

Na presente revisão de literatura, procura-se abordar de forma especial os estudos que contemplam o fator familiar como variável no uso de drogas, não desconsiderando os fatores genéticos, bioquímicos e culturais que tem sido objeto de vários outros estudos.

Denton et al. (1994), numa revisão de literatura citam vários fatores familiares associados ao uso de drogas pelos adolescentes, tais como: uso de drogas na família imediata; uma "moral hipócrita" (pais que condenam o uso de drogas nos filhos, mas eles

próprios usam); um meio ambiente familiar pobre; pais divorciados; pouca satisfação do adolescente no ambiente familiar e na associação com os pais; fraca auto-estima; insatisfação na forma de tomada de decisões; meio ambiente familiar hostil; pouca unidade entre os membros da família; carência de amor familiar; falta de cooperação entre os membros da família; uma lacuna de comunicação entre os membros da família; falta de sigilo; disciplina autoritária por parte dos pais ou um comportamento 'laissez-faire' total; e ainda a falta de habilidade dos pais em estabelecer limites e exercer seus papéis.

Adrados (1995) afirma que a literatura americana aponta como principais fatores ligados a drogadição, os seguintes: uma pobre qualidade do vínculo pais-filhos e problemas comprometendo vínculo familiar trazidos por alta intensidade de stress; o grau de abertura no relacionamento dos jovens com seus pais e a intensidade de busca de interação; reações ao controle parental. Ainda a idade de início, frequência de uso, estilo de monitoramento dos pais e uso por parte dos pais e irmãos são citados como estágios no uso de drogas. A influência dos pares – indivíduos que formam o grupo social no qual o adolescente está incluído - varia de acordo com o estágio em que se encontra o uso de drogas pelo adolescente, mas a percepção do uso pelos pares e as atitudes de tolerância por parte destes são destacados fatores predisponentes. Segundo o autor o uso de substância por pares iguais, associado com a deficiente comunicação entre pais e filhos a respeito de drogas é o fator de influência primária para o uso de drogas. Afirma Adrados ainda que a qualidade de relação do filho com a mãe é mais importante que qualidade da relação deste com o pai como fator de prevenção e conclui que a qualidade de relacionamento do adolescente com seus pais é o melhor fator preventivo ao uso de drogas pelos adolescentes.

Grzybowski (1988), afirma que o uso de substâncias pelo adolescente ocorre em um momento no qual o vínculo conjugal dos pais se fragiliza com a presença de um

terceiro elemento concorrendo com o relacionamento, ao qual denomina de “A PREFERIDA”, que ameaça a continuidade da própria relação entre os pais.

Segundo Needle (apud Anderson & Henry, 1994), características do sistema familiar servem como importantes variáveis na compreensão da iniciação, manutenção, término e prevenção de uso de substâncias por adolescentes.

Todavia os diversos autores não são uníssonos em relação a quais características familiares, ou mesmo qual estrutura familiar contribui para o surgimento do fenômeno na vida do adolescente.

Lehen (1996), nos fala de um ciclo de repetição que ocorre nas interações de famílias de usuários, que tende a impedir mudanças nos padrões de interações. Este ciclo se manifesta na relação triangulada pai-mãe-filho. O sintoma (uso de drogas) se manifesta num momento de tensão familiar no qual o filho reivindica sua autonomia e o triângulo é ameaçado. Entretanto o retirar-se pode causar ruptura à relação triangular e se desenvolve o pânico no sistema - são mudanças que o sistema quer evitar a qualquer preço. O sintoma revela-se como uma solução para romper a interação triádica disfuncional e cumpre sua função de manter encobertas todas as dificuldades familiares, ou seja, ao nível das interações extrafamiliares, cumpre a função de limitar o processo de individuação do filho, pois reforça sua dependência à família.

Já Anderson et al., (1994) afirmam que o nível de compromisso familiar é o elemento crítico na adaptação dos adolescentes. Compromisso familiar refere-se à extensão na qual famílias ingressam juntas numa significativa e integrada unidade, combinado com o grau na qual os membros da família interagem uns com os outros ou com os de fora. No uso de substâncias pelos adolescentes existem dois modelos de compromisso familiar - o ‘super’ envolvimento: onde um dos pais está demasiadamente

envolvido na vida do adolescente e o outro não está envolvido; e a ausência, onde nenhum dos pais está envolvido.

Sudbrack e Costa (1995), afirmam que o problema de drogadição do adolescente refere-se a um sintoma que adquire significado no contexto das interações familiares.

Ackerman (apud Carneiro, 1983), afirma que não existe família idealmente sadia e, do ponto de vista psiquiátrico, as famílias são predominantemente sadias ou predominantemente enfermas. Todavia a família facilmente se desestabiliza quando a relação conjugal é conflitiva e ameaça a continuidade do sistema, podendo levar ao surgimento de um sintoma, o qual, dentre outros, pode ser o uso de drogas pelos filhos.

Desta perspectiva, falar de patologias individuais parece não ser suficiente quando se aborda o tema do uso de drogas, pois a forma de encarar uma patologia do ponto de vista de uma pessoa é diferente da forma de vê-la, do ponto de vista de um sistema familiar. Catarino (1995) observando alguns pacientes identificados como "o doente" ou "o frágil" quando entram em contato com o grupo familiar, constatou que este paciente é aquele elemento que, quando a família está sob fortes tensões, entra em cena e devolve o equilíbrio à família.

Os estudos específicos sobre alcoolismo não diferem em essência dos achados em estudos com dependentes de drogas em geral. Faria (1995), relata que através de observações e estudos acerca do alcoolismo e suas manifestações na relação familiar, constatou-se que o mesmo se apresenta como sintoma, que cronifica ao longo do tempo.

Vilar (1995), seguindo a mesma linha de trabalho, destaca quatro fatores de risco no processo de transmissão do alcoolismo, a saber: nível de disfunção familiar; a presença de lutos não elaborados; o nível de identificação parental e os rituais familiares.

Reforçando a idéia da importância de rituais familiares, Grzybowski, Massolin e Plummer (1987), afirmam que a religião cumpre um importante fator preventivo no uso de

drogas pelo adolescente, desde que a mesma seja vivenciada no seio da família como um importante marco de valores e não como uma imposição de leis e normas excêntricas à realidade do adolescente.

Sudbrack e Doneda (1992) entendem o uso de drogas pelo adolescente como resultado de um processo de redefinição das relações familiares com o adolescente buscando sua autonomia e os pais inaptos para vivenciarem esta separação do filho.

Segundo as autoras:

é preciso que o paciente saia da posição de 'drogado', 'incapaz', 'irresponsável', 'criança', 'dependente', para ser reconhecido enquanto membro da família que denuncia a necessidade de mudança e expressa sofrimento coletivo (p. 473).

Reafirmando esta idéia, Geberowickz (1992) diz que

o objetivo de todo sistema familiar é o de evoluir seguindo o seu ciclo vital (nascimento, casamento, aposentadoria e morte), renovando-se. Toda mudança desta ordem pode provocar uma crise, colocando-se em perigo a homeostase do sistema. Esta, nas famílias de transações patológicas, é assegurada pela função do paciente identificado, portador do sintoma (uso de drogas) que leva a família a consultar-se. Porém esse equilíbrio é obtido a preço dos sofrimentos individuais e coletivos. (Geberowickz, 1992, p. 3).

Embora Mendes, Cochi, Bertagni, Sogabe e Jukemura (1989), afirmem que as dependências químicas têm como um de seus principais fatores de origem os desajustes sociais do indivíduo, como por exemplo, o fato dele ser pressionado por seu grupo social a experimentar drogas e/ou usá-las freqüentemente, os autores reconhecem em seu trabalho que outros pesquisadores enfatizam o papel da família desestruturada como desencadeante das dependências.

Já Hoffmann (1993) questiona a afirmação da influência dos pares no uso de drogas pelo adolescente, afirmando que as relações entre pais e filhos afetam as escolhas dos pares e indiretamente influenciam o uso de drogas pelo adolescente. Baixos níveis de afetividade, uma supervisão pobre e um menor envolvimento pais-adolescentes estão

associados com alto índice de uso de drogas. O autor conclui que as influências da família e dos pares no uso de drogas pelo adolescente é complexa e não pode ser reduzida a um exame de simples impacto. Famílias podem afetar não somente o uso imediato da droga, mas também o desenvolvimento de comportamentos e associações com pares que contribuem para o uso de drogas.

Cardim, Morgado e Azevedo (1989) constataram que, dos pacientes consumidores de drogas, 69% nunca haviam casado nem vivido maritalmente, 29% nunca namoraram e 41% nunca tiveram namoradas firmes, sugerindo, segundo os autores, uma dificuldade desses pacientes em estabelecerem vínculos afetivos satisfatórios.

Estes perfis vêm de encontro aos achados de Humes et al. (1994), que afirmam que a família tem um papel importante na origem e no tratamento das dependências, especialmente nos relacionamentos familiares e nos estilos interacionais desenvolvidos dentro da família, os quais vão desde o autoritarismo até a liberdade irresponsável. Segundo os autores, os pais dos usuários de drogas nunca se separaram de seus próprios pais – o que chamam de pseudo-indivuação. Desta forma as famílias de usuários de drogas têm um “emaranhado” intergeracional maior que as famílias em geral, ou seja, afirmam que as famílias com processos disfuncionais estão associadas com o abuso de drogas. Tais famílias disfuncionais são mais hostis e conflitivas no processo de autonomia de seus filhos. A hostilidade expressa-se através do controle e de uma comunicação contraditória e ambivalente, com mensagens de afirmação e condenação misturadas. Ou seja, o demasiado envolvimento dos adolescentes com suas famílias e em especial com seus progenitores (ou um deles), leva àquele a um processo de não-separação, permanecendo dependente dos pais e não criando vínculos afetivos significativos fora do ambiente familiar. Assim a família mantém o membro dependente para obter um equilíbrio em seus relacionamentos. O período em que o usuário permanece fora do lar, segundo

Lehen (1996), constitui-se no momento de maior apreensão familiar porque pode representar o ressurgimento dos conflitos conjugais que ameaçam a estabilidade do sistema.

Também Anderson et al. (1994), afirmam que o uso de substâncias por adolescentes cumpre esta função para suas famílias. Especificamente os jovens estabilizam a família atraindo o foco para o uso da substância e livrando de focalizar em outros problemas familiares como, por exemplo, conflitos conjugais. Neste sentido Angel (1988), afirma que "*o drogadito personifica este ausente-presente necessário para o casal encobrir os seus conflitos e garantir a homeostase familiar*" (p.20).

Muito embora a própria definição do que seja efetivamente conflito conjugal é imprecisa entre os autores, pode-se ter algumas idéias básicas consensuais. Davies e Cummings (1994) sugerem que o conceito de conflito conjugal é multidimensional. De forma genérica entende-se o conceito de conflito como uma ruptura em um sistema estável. Shek (1995) em sua pesquisa sobre qualidade marital afirma que existe uma relação significativa entre a qualidade conjugal e o bem estar psicológico do casal e da família por extensão, enquanto que Buehler et al (1998) indicam que um estilo de conflito interparental hostil poderia estar associado a problemas de comportamento nos jovens. Na relação entre o conflito conjugal e o uso de drogas pelos filhos adolescentes, duas importantes variáveis a serem consideradas são a frequência dos desacordos e o modo de expressão ou estilo do conflito. Este último podendo ser um conflito aberto ou encoberto. (Buehler et al, 1997, 1998). Inclusive, os conflitos que não são expressos têm um poder de deterioração maior do sistema conjugal e familiar (Bergman, 1996).

Lehen (1996) afirma que, se por um lado o usuário de drogas, quando identificado como "mau" por sua família não se constitui ameaça ao sistema, por outro lado, quando retorna à família identificado como "doente" e fragilizado, é acolhido pelos demais

membros da família que se identificam como “bons”. Estabelecem-se assim vários mitos dentro da família: o “Mito do Sacrifício” onde o adolescente cumpre a pena sacrificando-se por toda a família e através deste encargo mantém oculta a disfunção familiar e o “Mito do Perdão” onde todos os demais membros da família são bons e capazes de perdoar incondicionalmente o membro ‘desviante’. O ‘Mito do Sacrifício’ e o ‘Mito do Perdão’ parecem ser o elo para assegurar um terceiro mito: o “Mito da Harmonia Familiar”.

Em estudos específicos sobre famílias de alcoolistas, os achados têm sido muito similares. Faria, (1995) afirma que o grupo familiar sente a necessidade de se estabilizar em torno daquele membro alcoolista como forma de impedir a eclosão de outros problemas encobertos pela família. Para manter a homeostase, estado de equilíbrio, a família adota formas de comportamento que servem para manter o alcoolismo.

Cardim et al. (1989), em pesquisa realizada entre 147 pacientes do sexo masculino, consumidores de drogas ilícitas encontraram que estes pacientes viviam num ambiente desarmonioso, de difícil relacionamento, cujas famílias eram instáveis, com pouca coesão entre seus membros, e levantam a questão se a ansiedade provocada pela separação dos pais e a experiência destas perdas seriam as motivações que levariam os indivíduos à dependência de drogas.

Scivoletto, Henriques e Ferreira (1995) realizando um levantamento entre adolescentes com diagnóstico de abuso ou dependência de álcool e/ou drogas, constataram, dentre outros, que 42,8% são filhos de pais separados. Também constataram que os filhos de pais separados são os que mais abandonam o tratamento.

Geberowickz (1992), também constatou que quase a metade das famílias consultantes é divorciada, separada ou monoparental e conclui:

Frequentemente pais divorciados vêm à consulta juntos. Quando isto ocorre, uma das funções do sintoma droga (que é reunião do casal parental) evidencia-se de forma surpreendente... Os problemas de

comunicação afloram: casais se recusam a ter o menor contato, evidenciando que a elaboração da separação ainda não foi realizada (p. 2).

A ordem de nascimento também tem sido associada ao fator predisponente ao uso de drogas; especificamente uso de drogas pelo primogênito como um caminho de consolo vantajoso da pressão de ter que se sair bem, enquanto o uso de drogas pelo mais novo é visto como um caminho para preservar seu status de bebê da família (Anderson et al., 1994).

Hoffmann (1995), faz uma importante revisão dos estudos que relacionam a estrutura familiar e o uso de drogas pelo adolescente e afirma que as relações familiares têm um impacto maior no uso de maconha que a estrutura familiar. Segundo o autor, os estudos das estruturas familiares tendem a ser reducionistas na dicotomia: famílias intactas (nas quais os pais permanecem casados) x famílias quebradas (que passaram por um processo de divórcio entre os pais) e afirmar que as famílias com estruturas não intactas tendem a ter menos predisponibilidade de ter adolescentes usuários de drogas. Ele conclui que existem muitos outros modelos de estruturas familiares e que o foco deve estar num âmbito maior, e sugere que futuras pesquisas sejam direcionadas para avaliar a relação entre a atmosfera instável nos lares pré-divorcio.

Conclui-se que são as dinâmicas familiares e não tanto a forma como as famílias são compostas (estrutura) que se tornam fatores predisponentes ao uso de drogas pelos adolescentes.

Kalina e Kovadloff (1983), em seu livro clássico sobre as relações entre a drogadição, a família e a sociedade, enfatizam que os fracos vínculos entre os genitores dos drogaditos são fator predisponente ao uso de drogas. Afirmam que uma figura ausente paterna ou que se mostra impotente na vida familiar e uma mãe que utiliza seu filho como

fonte de autovalorização para suprir sua baixa auto-estima e o frágil vínculo com o marido são componentes básicos que favorecem a busca das drogas pelo filho.

Flexibilidade é outra característica do sistema familiar que pode reduzir o risco de uso de substâncias pelo adolescente (Anderson et al., 1994). Flexibilidade refere-se à habilidade das famílias modificarem suas interações quando encontram situações de desenvolvimento familiar que requerem mudanças. Estudos prévios indicam que famílias de adolescentes que abusam de drogas tendem a ser mais rígidas (ou menos flexíveis) e tem dificuldade de adaptação a mudanças (Bartle & Sabatelli, 1989 - apud Anderson et al., 1994).

Segundo Brody et al. (1993), a qualidade do relacionamento entre os pais tem implicações para o uso de drogas e associação com pares, entre adolescentes. Sugerem que altos níveis de conflito entre cônjuges estão associados com o outro negativo, controlador e paternidade insuportável ou separação e retirada de responsabilidades parentais e, sob estas condições, adolescentes, desobrigados das influências parentais, incrementam sua afinidade para o uso de álcool e outras drogas e associam-se a pares desviantes.

Montera (1979), indica fatores portadores de potencialidades patogênicas, não exclusivas, não obrigatórias, contudo concomitantes e agravantes. Seriam, dentre outras: a atomização da vida familiar; o esvaziamento do poder do pai; a fragilidade do pai; inafetividade materna; macros e micros abandonos; falta de limites; duplos vínculos; mitos familiares; sistema familiar rígido e/ou fechado; falta de comunicação significativa; mãe depressiva; conflitos familiares; famílias fusionadas; modelos familiares e mãe onisciente.

Outra característica do sistema familiar adicional relacionada com uso de drogas por adolescentes é a comunicação pais-adolescentes. O risco de problemas de comportamento para adolescentes, como uso de drogas, pode ser reduzido em famílias com comunicação mais aberta entre pais e adolescentes (Anderson et al., 1994).

Geberowickz (1992), dá uma caracterologia da família do usuário que inclui os seguintes aspectos: uma cegueira familiar – que seria o tempo de latência entre o início do uso da droga pelo jovem e o momento que a família nota esta conduta; uma negação do jogo mortal – que envolve as condutas de risco a que o drogado está exposto; uma dependência do jovem aos pais; patologias familiares correlatas nos pais e irmãos ou mesmo na família extensa; algumas transgressões transgeracionais e fenômenos de aculturação e falta de ensino formal.

No seu trabalho sobre características familiares e uso de drogas e álcool, Carvalho, Silva e Souza e Carlini-Cotrim. (1995), afirmam que a maioria das investigações realça que o relacionamento familiar se constitui o fator mais freqüentemente estudado, sendo que quatro características têm sido as mais focadas, a saber: o uso de consumo pelos próprios pais dos adolescentes drogados; a qualidade dos relacionamentos entre pais e filhos; atitudes e personalidade dos pais; e a presença de problemas no relacionamento entre os pais. Neste último caso, a literatura revista sugere que casais cuja relação é conflitiva, estão diretamente ligados com o uso de drogas por parte de membros jovens da família. Na pesquisa de Carvalho et al., a conclusão é de que a ocorrência de violência no lar é o fator de maior relação com o uso de droga pelo adolescente (cinco vezes maior em lares com ocorrência de violência). Conclui também que fatores subjetivos familiares, relatados da percepção individual que o sujeito tem de seu próprio envolvimento familiar, têm muito maior impacto no consumo de drogas e álcool pelos jovens que a condição objetiva da família, ou seja, o status conjugal dos pais. Conseqüentemente a qualidade dos relacionamentos familiares torna-se um fator mais determinante que a situação formal da família.

A percepção sobre o uso de drogas; o próprio uso de drogas pelos genitores; formas de controle dos pais; comportamento nutridor e de suporte aos filhos e um diálogo

entre pais e filhos que induza à abstinência são relatados em pesquisas como fatores negativos de predisposição ao uso de drogas pelo adolescente, enquanto que amor condicional e coerção são fatores positivos de predisposição (Anderson et al., 1994).

Wu e Kandel (1995) apontam que a ausência de afeto entre pais e filhos, conflitos, uma identificação pobre da criança com os pais, ausência de supervisão das atividades da criança, disciplina explosiva (ou seja, com conteúdos de agressividade verbal ou física) e o exercício da paternidade realizado de forma inconsistente como fatores predisponentes para o uso de drogas e a participação em delitos por crianças e adolescentes.

Programas de educação de pais e intervenções terapêuticas que encorajem comportamentos de suporte por parte dos pais têm o potencial de reduzir o risco de uso de drogas pelos adolescentes (Anderson et al., 1994).

Gualberto, Ruppert e Pizzolante (1996), em seu trabalho de acompanhamento de famílias de usuários de drogas, informam que ao longo do tratamento o investimento familiar vai se modificando, já que as transformações implicam em uma estruturação não só do paciente, mas também do comportamento familiar. Esta prefere continuar funcionando no seu antigo modelo, modificando somente o desencadeador dos problemas - o paciente.

Madanes (apud, Geberowickz, 1992, p. 2) ressalta que os usuários de drogas mantêm uma relação de responsabilidade em relação às suas famílias de origem, mesmo os que são casados e os idosos, assim sendo, a rigidez familiar para com as mudanças, impede também que ocorram mudanças significativas no dependente.

Brasiliano (1992) afirma que a experiência clínica tem salientado que dificilmente é possível sustentar a melhora de um paciente sem que atuemos com sua família e vice-versa, e que a recuperação do dependente vai exigir da família a reestruturação de papéis e

a elaboração dos conflitos, ou seja, será necessário desfazer o sistema baseado no paciente identificado e inaugurar um novo tipo de inter-relacionamento.

Alguns outros estudos caminham em direções distintas do enfoque familiar, os quais devem ser igualmente considerados.

Martins e Costa (1987), identificam no perfil de usuários de drogas atendidos pelo CORDATO – Coordenadoria de Atendimento ao Toxicômano de Brasília, três fatores principais: o indivíduo, o contexto sócio-cultural e o produto, afirmando que no que tange ao indivíduo, trata-se de personalidades inseguras, incapazes de tolerar frustrações e com forte tendência a qualquer tipo de dependência - inclusive da família. A família também é vista como modeladora da dependência na consideração do contexto sócio-cultural e o produto aparece como possibilitando um prazer intenso, imediato e a facilidade de fugir a conflitos emergentes.

Seguindo esta mesma linha de trabalho, Galduróz, Noto e Carlini (1995) afirmam que o uso de drogas é uma tentativa de ultrapassar a insegurança e de se auto-afirmar, podendo levar à transgressão, à busca do prazer imediato e a atitudes desafiadoras.

A Organização Mundial de Saúde (1981), em um estudo sobre estudantes e uso de drogas, afirma que as seguintes características favorecem o uso de drogas pelo adolescente: falta de informações adequadas sobre os efeitos das drogas; saúde debilitada; insatisfação com sua qualidade de vida; déficits na integração da personalidade e fácil acesso às drogas.

Também em seu estudo sobre fatores predisponentes à dependência química, Anderson et al. (1994) encontraram que a primeira experiência da criança com álcool é geralmente dentro da família, ou seja, uma história familiar de abuso de substância são um incremento no risco de uso de substâncias por adolescentes.

Já o DSM-IV estabelece como critérios para abuso de substância, segundo Saad e Paiva (1993), o seguinte:

- A) Padrão de inadaptação do uso de substâncias que leva a disfunção clínica significativa manifestada por 1 ou 2 dos seguintes itens:*
- 1. Uso recorrente de substância resultando em incapacidade de cumprir seu papel no trabalho, escola ou casa;*
 - 2. Problemas recorrentes de caráter legal ou interpessoal devido ao uso de substância;*
 - 3. Desistência ou diminuição de importantes atividades sociais, ocupacionais ou recreacionais;*
 - 4. Uso recorrente de substância em situações nas quais é fisicamente perigoso*
- B) Sintomas da perturbação que ocorrem a maior parte dos dias, por pelo menos um mês, ou ocorreram repetidamente por um longo período.*

Lopes e Rodrigues (1995), demonstraram que história passada de dependência ao álcool aumentava o risco de abuso de drogas e que este risco era maior para aqueles cuja dependência do álcool ocorreu juntamente com outro distúrbio psiquiátrico. Um aumento no risco para abuso de drogas também foi encontrado entre aqueles cuja primeira manifestação psiquiátrica ocorreu antes dos 13 anos de idades. Desta forma concluem que há uma comorbidade do abuso de drogas com álcool e outros distúrbios psiquiátricos.

Para pesquisadores como Galduróz et al. (1995), as drogas propiciam temporariamente prazer e preenchem todos os requisitos para complementar uma adolescência em desarmonia: (1) prazer imediato; (2) transgressão; (3) a fuga através do prazer solitário; (4) o jogo com a morte; (5) a necessidade de poder; (6) inconformismo; (7) necessidade de liberdade; (8) aceitação e respeito dentro da 'turma'.

O modelo de transmissão genética afirma que existem fatores genéticos predisponentes para que jovens tenham uma baixa tolerância ao uso de substâncias. Esse modelo é limitado para explicar como alguns jovens geneticamente vulneráveis desenvolvem problemas com abuso de drogas e outros não. Tais fatores genéticos na transmissão do alcoolismo foram estudados por Monteiro (1990), a qual afirma que o risco para o surgimento do alcoolismo em filhos de alcoolistas é três a quatro vezes maior do que para em filhos de não alcoolistas, mas ressalta que esta natureza familiar do alcoolismo não evidencia, necessariamente a importância de fatores genéticos, uma vez que a maioria

das crianças é também criada por seus pais biológicos, recebendo influência do ambiente familiar. A autora lembra que estudos têm demonstrado uma concordância significativamente maior para gêmeos idênticos, quando comparados a gêmeos fraternos na transmissão do alcoolismo, o que sugeriria um componente genético, embora outros trabalhos - afirma Monteiro - não tenham encontrado esta relação. A autora conclui afirmando que o alcoolismo é, provavelmente, uma doença geneticamente influenciada. No entanto, ainda se desconhecem quais os determinantes biológicos desta maior predisposição genética e como ela é transmitida.

Stockwell (1989), dentro de uma visão cognitivo-comportamental, afirma que o processo pelo qual as pessoas se tornam dependentes de drogas e de álcool é uma relação entre muitos fatores diferentes. Uma relação entre fatores sociais, psicológicos e fisiológicos de uma forma complicada, sendo que a maior ou menor tolerância à droga poderia estar ligada ou condicionada a um ambiente específico ou um sinal indicador que leve à outra dose.

O ponto importante, conclui o autor, é o de que a tolerância e a abstinência às drogas são respostas adaptativas, condicionadas, "disparadas" por uma antecipação ou expectativa de administração da droga; e de que isto vai ser mais forte ou mais desenvolvido em indivíduos que se tornam muito dependentes. (p.211)

Dentro de uma visão psicanalítica, Xavier da Silveira (1988), afirma que a conduta drogaditiva que ocorre na adolescência, mesmo mantendo um caráter de transgressão, conserva um sentido estruturante para a personalidade do usuário, mas que pode, por outro lado, na patologia, servir como mecanismo de negação do sofrimento inerente à transformação. Segundo o autor a conduta drogaditiva estaria ligada a arquétipos e como símbolos de algo que se manifesta à consciência, cabendo ao profissional tentar compreender o que está sendo expresso por este símbolo.

Grzybowski e Karam Jr. (1985) afirmam que os psico-sociais que levam uma pessoa ao uso de drogas são produtos da tentativa de fugir de um afeto desagradável, uma angústia básica que acompanha o sujeito desde seu nascimento. A conduta drogaditiva então seria uma, dentre outras várias, forma de buscar alívio para o mal-estar causado pela angústia básica.

Desta forma conclui-se que, as pesquisas sobre dependência de drogas indicam que há uma multivariabilidade de fatores predisponentes, entretanto a quase totalidade das mesmas inclui algum fator familiar. Nota-se que as pesquisas mais recentes, que se baseiam no entendimento da família como sistema, atentam para os elementos de relacionamento familiar com destaque mais especificamente os relacionamentos conflitivos, desfocando um pouco a atenção dos fatores estruturais e das influências dos pais. Uma pesquisa sobre a etiologia do uso de drogas pelos adolescentes, que contemple os fatores familiares com especial foco sobre a relação entre os conflitos que desestabilizam o sistema familiar e a emergência do fenômeno do uso de drogas vem de encontro às linhas de pesquisas atuais.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

Este capítulo descreve a metodologia empregada no estudo, apresentando as seguintes seções: participantes; características da amostra; os procedimentos; os instrumentos de medida; a forma empregada para o tratamento e análise dos dados e limitações do método.

Participantes

A pesquisa foi realizada com 46 famílias, de várias partes do Brasil, divididas em dois grupos: um grupo de usuários e um grupo controle. O grupo de usuários foi constituído de 21 famílias cujos filhos, independente do sexo, são reconhecidamente usuários de drogas e cujos pais são legítimos, não por adoção nem de segundo casamento e vivem juntos. O outro grupo (de controle) foi constituído de 25 famílias cujos filhos se declaram não usuários de drogas e os pais tem as mesmas características do grupo de usuários de drogas.

Características da Amostra

Os participantes da amostra foram adolescentes, com idade entre 10 anos completos e 20 anos incompletos, de ambos os sexos e seus pais. Não houve preocupação em delimitar o número de participantes por sexo. Também não foi delimitada a idade dos pais dos adolescentes que participaram da amostra.

Foi estabelecido o critério de famílias de classe média com pais alfabetizados. A determinação da constituição da classe média foi estabelecida a partir da "Classificação de classes sócio-econômicas no Brasil" (ABA-ABIPEME), incluso no Questionário de Triagem (ANEXO 1A).

A Associação Brasileira de Institutos de Pesquisa de Mercado e Associação Brasileira de Anunciantes (ABA-ABIPEME) criou, em 1978, um sistema de classificação sócio-econômica. O conceito básico deste sistema visa classificar as pessoas sócio-economicamente mediante informações sobre sua escolaridade e a existência de determinados "itens de conforto". Considera-se a quantidade de cada item e a soma dos pontos determina a inclusão do sujeito em uma classe social: A, B, C, D ou E (Levin, 1987). Os itens e pontuação deste sistema classificatório são apresentados no ANEXO 1B.

No presente trabalho considerou-se como classe média as classificações B e C do questionário da ABA-ABIPEME, uma vez que para o grupo de usuários a coleta de dados se deu tanto com adolescentes institucionalizados em clínicas particulares como em clínicas públicas e também provenientes de atendimentos ambulatoriais em consultórios particulares, e o grupo de controle foi obtido tanto em escolas particulares como em escolas públicas, tornando a população da amostra bem diversificada dentro do conceito de classe média.

Procedimentos

Iniciou-se o trabalho contatando 1) as instituições que trabalham com usuários de drogas na cidade de Curitiba, para a obtenção da amostra de usuários e 2) com a direção de um colégio de classe média da mesma cidade para a obtenção do grupo de controle. O primeiro contato com todas as instituições foi telefônico, com o objetivo de agendar um encontro pessoal, no qual seria entregue uma carta (Anexo 8 e Anexo 10) esclarecendo os

objetivos da pesquisa e solicitando permissão para aplicar os instrumentos de pesquisa aos atendidos pela instituição.

Das instituições que trabalham com usuários de drogas na cidade de Curitiba, foram contatadas sete, e obteve-se os seguintes resultados:

Na primeira instituição foi cedido o acesso aos prontuários dos últimos 02 anos e levantou-se que haviam sido internados 123 adolescentes. Tendo sido contatados cada um deles por telefone, encontrou-se que apenas 06 destes viviam com ambos os pais, em famílias intactas, segundo os critérios pré-estabelecidos, sendo que apenas 02 famílias se dispuseram a participar da pesquisa, mas uma delas não se enquadrava no perfil sócio-econômico da amostragem.

Na segunda instituição, foram obtidas 06 famílias, mas não puderam ser aproveitadas para a amostra por não se enquadrarem na classe social pesquisada, sendo famílias provenientes de classe social muito baixa, com a quase totalidade dos pais analfabetos.

Na terceira instituição foram indicadas pela direção quatro famílias, mas com três delas de classe social fora do alvo da pesquisa. O questionário foi enviado pelo correio à quarta família, que se enquadrava na população alvo, pois a mesma informou não dispor de tempo para comparecer a um local determinado para o preenchimento dos questionários. Uma carta de instrução de preenchimento dos questionários acompanhou os mesmos (Anexo 12). Não houve retorno.

Na quarta instituição, foram indicadas igualmente 05 famílias, sendo que 03 destas se prontificaram imediatamente a responder o questionário e outras duas declinaram o convite. Os questionários foram aplicados pela auxiliar do pesquisador, a qual foi previamente orientada a: explicar a finalidade da pesquisa de forma sintética; entregar os questionários aos pais e filhos simultaneamente; ler para os mesmos as instruções de

preenchimento; esclarecer quaisquer dúvidas sobre o preenchimento e aguardar em silêncio, orientando que o casal não consultasse o questionário do cônjuge, nem tecessem comentários durante o preenchimento das respostas.

Na quinta instituição, foi possibilitado o acesso aos prontuários dos últimos quatro anos, onde foram encontradas 12 famílias dentro do perfil da amostragem, num universo de cerca de 350 prontuários. Todavia ao contatar, por telefone, com tais famílias para saber de sua disponibilidade de participar da pesquisa, encontrou-se que: 05 números de telefone haviam mudado sem possibilidade de obtenção do novo número; 01 filho não morava mais com os pais; 01 casal havia se separado; 01 pai havia falecido há poucas semanas; 02 famílias não tiveram interesse em participar e 02 famílias se mostraram receptivas, às quais foram enviados os questionários pelo correio, também em virtude da dificuldade destas famílias em comparecerem a um local determinado para o preenchimento dos questionários. Apenas uma das famílias retornou os mesmos.

Na sexta instituição, segundo a orientação da sua comissão de ética, a direção solicitou os questionários para que eles mesmos aplicassem. Após instruções sobre o preenchimento à pessoa encarregada pela instituição, entregamos os questionários ao responsável e 02 famílias preencheram.

Na última instituição foram encaminhadas 04 famílias, todavia no momento da aplicação dos questionários, se constatou que na primeira família encaminhada, o adolescente tinha formado sua própria família, vivia com a esposa e não tinha nenhum contato com os pais e sua família de origem; na segunda família, o adolescente vivia com o pai, mas a mãe havia abandonado a família já há muitos anos; a terceira família era de fora da cidade e o pai não estava presente para responder o questionário e somente a quarta família voluntária respondeu os questionários.

Foi então contatada a associação que trabalha voluntariamente com familiares de usuários de drogas (NARANON), obtendo-se uma família voluntária, mas infelizmente fora do perfil sócio-econômico alvo da pesquisa, com os pais analfabetos.

Em face desta dificuldade no levantamento da amostra junto a entidades especializadas, cerca de 30 psicólogos de Curitiba, foram solicitados para que, caso tivessem famílias com este perfil em atendimento em suas clínicas particulares, convidassem as mesmas para participar da pesquisa. Apenas 02 psicólogos se manifestaram e solicitaram os questionários para eles mesmos entregarem às famílias. Os questionários foram enviados com as devidas instruções. Nenhum retornou os questionários.

Outra opção foi contatar com profissionais de outras cidades no Brasil, via internet, solicitando a ajuda para a obtenção de famílias. Foram enviados cerca de 90 e-mails, tendo resposta de vários profissionais que se dispuseram a buscar tais famílias. Aos profissionais que responderam os e-mails, foram enviados os questionários via internet, com as devidas instruções de preenchimento. Os retornos efetivos foram os questionários de 06 famílias voluntárias atendidas por uma psicóloga que trabalha com usuários de drogas na cidade de Três Coroas/RS e os questionários de 01 família voluntária enviado por um psiquiatra da cidade de Juiz de Fora/MG. Ainda uma psicóloga de Londrina informou que entregou os questionários a uma família, porém o filho usuário agrediu a mãe e esta quebrou o braço e ficou impossibilitada de responder o questionário.

Foram feitos contatos com instituições que trabalham com usuários de drogas fora de Curitiba. Um grupo ligado à Universidade Federal de Juiz de Fora, um grupo ligado à Universidade Federal do Mato Grosso em Cuiabá, e mais quatro entidades particulares, uma em São Paulo, duas em Porto Alegre e uma terceira em Niterói. Uma das instituições de Porto Alegre exigiu que enviássemos o curriculum pessoal e a Folha de Rosto da tese

aprovada pelo MEC, além da relação das demais instituições às quais a tese já havia sido submetida à comissão de ética. A instituição em São Paulo entregou o questionário a duas famílias e não obteve retorno. Como resultados efetivos destas instituições, foram recebidos questionários de 03 famílias atendidas pela Universidade de Juiz de Fora, dos quais um incompleto (sem o questionário do pai); um fora da faixa sócio-econômica e um terceiro que pode ser aproveitado.

Foram indicadas por amigos algumas famílias com o perfil estabelecido pela pesquisa, tendo sido contatadas por telefone. Através destes contatos foram enviados pelo correio os questionários a 02 famílias, sendo que uma família enviou os mesmos respondidos.

Finalmente buscaram-se nos prontuários pessoais de ex-pacientes do autor, aqueles que se enquadrariam no perfil da amostra e assim obteve-se mais 07 famílias. Tendo sido contatadas por telefone, cinco famílias se dispuseram a participar da pesquisa. Os questionários foram enviados pelo correio, sendo que 04 famílias retornaram os questionários respondidos.

Para a seleção da amostra do grupo de controle, após o contato com a direção do Colégio Martinus de Curitiba, o projeto foi encaminhado à coordenadora pedagógica. Esta propôs a visita do pesquisador às classes do ensino médio, explicando o objetivo da pesquisa e solicitando aos alunos a colaboração.

Foram distribuídos 290 jogos de questionários, que os alunos levaram para a casa e entregaram aos pais, juntamente com uma carta convite à participação voluntária (ANEXO 9) e uma folha de instruções para o preenchimento dos questionários (ANEXO 11), com o compromisso de devolverem à coordenação do colégio depois de 02 dias. Vinte famílias retornaram os questionários totalmente preenchidos e três famílias retornaram os questionários incompletos (sem as respostas da mãe ou do pai). Optou-se por contatar mais

um colégio de ensino médio, o CEFET, onde foram estabelecidos contatos diretos com os alunos de duas turmas através de adolescentes colegas de turma. Explicou-se os objetivos e importância da pesquisa. Foram distribuídos questionários a dez alunos voluntários e obtidos questionários respondidos por 05 famílias.

Com as famílias selecionadas, tanto a do grupo de usuários como a do grupo controle, foram realizados dois procedimentos. O primeiro procedimento em relação aos pais dos usuários, aos quais foram aplicados dois questionários: "Folha de Análise de Conflitos" (ANEXO 3) e a Escala de Relacionamentos Diádicos do "Family Assessment Measure Version III" (FAM-III) (ANEXO 4); e o segundo procedimento, em relação aos adolescentes, os quais foram submetidos ao questionário "Folha de Análise de Conflitos" (ANEXO 6).

Após a aplicação dos questionários, foi selecionada aleatoriamente uma amostra de 04 famílias de cada grupo, nas quais, os pais e os filhos foram, submetidos a uma entrevista semi-estruturada (ANEXOS 2 e 5), a fim de levantar dados complementares para a discussão dos resultados. A seleção aleatória das famílias foi realizada da seguinte forma: nas famílias de usuários foram separados os questionários dos residentes em Curitiba e dentre estes, sorteadas quatro famílias, as quais foram convidadas a participar da entrevista; nas famílias de não-usuários foram sorteadas de todos os questionários 04 famílias, as quais foram convidadas a participar da entrevista. Na medida que uma família se recusava a participar da entrevista, realizava-se novo sorteio, seguindo os critérios acima, e efetivava-se novo convite à família sorteada, até obter-se o número proposto de 04 famílias de cada grupo.

As entrevistas com os pais foram realizadas com o casal em conjunto (pai e mãe simultaneamente) diretamente pelo pesquisador. As entrevistas com os adolescentes, tanto usuários como não-usuários, foram realizadas individualmente também pelo pesquisador.

Durante as entrevistas procurou-se seguir as questões do roteiro previamente desenhado pelo pesquisador e coletar dados sobre o relacionamento conjugal e familiar, segundo a percepção dos participantes.

Instrumentos de Medida

Foram utilizados no presente estudo dois instrumentos de medida: Folha de Análise de Conflitos e o Family Assessment Measure Version III (FAM III), na sua versão da Escala de Relacionamentos Diádicos.

A Folha de Análise de Conflitos é uma tradução e adaptação da primeira parte da escala “Dyadic Adjustment Scale”, de Spanier (1976).

A primeira escala de avaliação de relacionamento conjugal com validação científica é a do clássico estudo de Hamilton (apud Spanier, 1976), datado de 1929, demonstrando que o interesse em mensurar o grau de ajustamento/conflito entre o casal não é algo novo. Desta data em diante, muitas outras escalas foram elaboradas, testadas, validadas e publicadas.

A Dyadic Adjustment Scale foi desenvolvida por Spanier (1976) e aplicada a 109 casais de classe média na Pensilvânia. Os itens foram avaliados e validados. Ao todo a escala contém 32 itens, divididos em seções, sendo a primeira seção contendo 15 itens e cada item com 06 possibilidades de respostas: sempre de acordo; quase sempre de acordo; ocasionalmente em desacordo; freqüentemente em desacordo; quase sempre em desacordo e sempre em desacordo. A segunda seção consta de 07 perguntas fechadas, cada qual com 06 possibilidades de respostas: todo o tempo; a maior parte do tempo; mais freqüente que não; ocasionalmente; raramente e nunca. A terceira seção contém uma só pergunta fechada e 05 possibilidades de resposta: todo dia, quase todo dia; ocasionalmente, raramente e nunca. A quarta seção consta de uma só pergunta fechada e 05 possibilidades de resposta:

todos eles; a maioria deles; alguns deles; muitos poucos deles; nenhum deles. A quinta seção é composta de 04 itens com 06 possibilidades de resposta: nunca; poucas vezes no mês; uma ou duas vezes ao mês; uma ou duas vezes na semana; uma vez ao dia; freqüentemente. A sexta seção contém duas afirmações com possibilidades de resposta como sim ou não. A sétima seção é uma afirmação sobre o grau de satisfação no relacionamento a ser avaliada em uma escala com 07 graus que vai do extremamente insatisfeito até o perfeito. A oitava e última seção apresenta uma pergunta com cinco respostas fechadas para o sujeito fazer a escolha.

Em face da complexidade da escala, o Centro de la Família, em Quito, Equador, sob a coordenação do Dr. Jorge Maldonado, fez uma adaptação do instrumento de avaliação, reduzindo-o à primeira seção, acrescentando 02 itens das demais seções e utilizando o mesmo em seu Programa de Enriquecimento Matrimonial, que é um programa educativo-clínico para casais. Este material posteriormente foi traduzido ao português pela Associação Brasileira de Assessoramento e Pastoral da Família – EIRENE do Brasil (Maldonado, 1989) e igualmente implantado nos programas educativo-clínicos para casais. Nestes programas a escala é utilizada como instrumento de auto-avaliação, não sendo submetido a uma aferição por parte do examinador e não tendo, desta forma, validação científica, mas sim uma ferramenta de auxílio no trabalho clínico-educativo.

Para a presente pesquisa o instrumento sofreu nova adaptação, reduzindo-se de 06 para 04 possibilidades de resposta (no modelo original existem as opções “às vezes de acordo” e “às vezes em desacordo”), agilizando a aplicação e evitando confusões sobre o significado das respostas intermediárias.

Seu desenho final constou de 17 temas sobre o relacionamento conjugal, com 04 opções de resposta em cada tema: sempre de acordo; quase sempre de acordo; quase sempre em desacordo e sempre em desacordo.

O Family Assessment Measure Version III (FAM III) é um instrumento de avaliação quantitativa da dinâmica do grupo familiar de usuários de drogas.

Segundo Silva et al. (1999), o interesse específico sobre o desenvolvimento de instrumentos de avaliações quantitativas para investigar o funcionamento familiar dos dependentes de álcool e outras drogas aumentou consideravelmente na década de 80. Foram elaboradas várias escalas, como a FES (Family Environment Scale); a FTQ (Family Tree Questionnaire); a DAS (Dyadic Adjustment Scale) e a FAM (Family Assessment Measure).

Destas escalas, a única traduzida totalmente para o português por um grupo de pesquisadores da Escola Paulista de Medicina é o FAM (Family Assessment Measure).

O FAM (Family Assessment Measure) é composto de três questionários de auto-preenchimento divididos em três escalas: escala geral; escala de relacionamentos diádicos e escala de auto-avaliação. A Escala Geral é composta de 50 questões que focalizam a família como um sistema geral do ponto de vista de cada familiar. A Escala de Relacionamentos Diádicos contém 42 questões específicas entre os pares na família (esposo/esposa; pai/filho; irmão/irmã), sendo especialmente, mas não exclusivamente, utilizada para avaliar o relacionamento conjugal. A Escala de auto-avaliação é composta de 42 questões que indicam a percepção individual do funcionamento familiar.

Todas as questões são afirmativas com quatro possibilidades de respostas: concordo muito; concordo; discordo e discordo muito. As questões são analisadas a partir de sete temas, a saber: realização de tarefas (resolução de problemas), realização de papéis, comunicação, expressão afetiva, envolvimento, controle e valores e normas.

Em contato estabelecido por e-mail com a equipe que trabalha na validação do instrumento, recebeu-se a informação de que o mesmo já foi aplicado a mais de 150 pacientes da Unidade de Dependência de Drogas do Departamento de Psicobiologia

Clínica da Universidade Federal de São Paulo, mas que sua validade, confiabilidade e sensibilidade estão em fase de avaliação.

Optou-se pela utilização na presente pesquisa da versão preliminar da tradução do Family Assessment Measure Version III (FAM III), Escala de Relacionamentos Diádicos publicada por Formigoni e Castel (1999, p.21), com algumas alterações realizadas pelo autor da presente pesquisa, especialmente nas questões que davam margem a interpretações do tipo dupla negativa. Também foi feita uma alteração no desenho original dos questionários.

Após estas adaptações o instrumento de medida foi sujeito a uma pré-testagem com 03 casais para aferição de sua funcionalidade para a execução da pesquisa, não havendo dificuldade para o preenchimento do mesmo.

O roteiro das entrevistas semi-estruturadas foi elaborado pelo autor da pesquisa em base à sua experiência clínica com famílias de usuários de drogas.

Procurou-se redigir questões abertas, iniciando-se por perguntas mais amplas e relativas ao relacionamento familiar em geral e progressivamente sendo direcionadas para questões específicas do relacionamento conjugal. Como nos instrumentos anteriores, o roteiro das entrevistas foi sujeito a uma pré-testagem com 03 casais e 03 adolescentes.

Tratamento e Análise dos Dados

Recorreu-se à análise descritiva dos dados através de tabelas, quadros e gráficos, comparando-se os resultados obtidos em famílias de usuários de drogas com os resultados obtidos em famílias de não-usuários de drogas, nos dois instrumentos utilizados.

As duas hipóteses estatísticas foram testadas através dos testes não-paramétricos: Comparação entre duas Proporções (*software "Primer of Biostatistics"*) e Qui-Quadrado (pelo Epi-Info), a um nível de significância (ou probabilidade de significância) de 0,05.

Limitações Metodológicas

Foram antecipados os seguintes fatores limitantes na generalização dos resultados:

1. A utilização de instrumentos de pesquisa não-validados cientificamente.
2. A delimitação da pesquisa a uma classe social específica.
3. A falta de controle de variáveis como o sexo dos adolescentes participantes, idade dos pais, tempo de casamento, tempo de utilização de drogas pelos adolescentes usuários, tipo de droga utilizada e diferenças entre adolescentes usuários institucionalizados e adolescentes usuários em atendimento ambulatorial.
4. A aplicação dos questionários ter sido efetuada por profissionais de outras cidades, com os quais se manteve contato telefônico, mas sem um treinamento adequado para a efetuação da tarefa.

CAPÍTULO IV

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo divide-se em duas seções relacionadas aos objetivos da pesquisa, contendo cada uma delas os resultados encontrados seguidos pela discussão.

A primeira seção analisa os resultados encontrados na avaliação do nível de conflito entre os pais dos adolescentes, comparando-se os dados dos pais de usuários com os dados de pais de não-usuários. Esta seção está dividida em duas subseções, com a primeira apresentando a análise dos dados encontrados no instrumento Folha de Análise de Conflitos e a segunda apresentando a análise dos dados encontrados no instrumento Family Assessment Measure, Version III, Escala de Relacionamentos Diádicos.

A segunda seção analisa os resultados encontrados na avaliação da percepção dos adolescentes sobre o nível de conflito entre seus pais, comparando-se os dados dos pais de usuários com os dados de pais de não-usuários, mensurados através do instrumento Folha de Análise de Conflitos.

Para a obtenção dos níveis de concordância/discordância na Folha de Análise de Conflitos, foram somadas as respostas das colunas SA (sempre de acordo) e QA (quase sempre de acordo) – nível de concordância – resultando no RC (Respostas Concordantes), e QD (quase sempre em desacordo) e SD (sempre em desacordo) – nível de discordância – resultando no RD (Respostas Discordantes).

Para a obtenção dos níveis de concordância/discordância no Family Assessment Measure, Version III, Escala de Relacionamentos Diádicos e Escala Geral, foram somadas as

respostas das colunas CM (concordo muito) e C (concordo) – nível de concordância – resultando no RC (Respostas Concordantes), e D (discordo) e DM (discordo muito) – nível de discordância – resultando no RD (Respostas Discordantes).

Avaliação do Nível de Conflito entre os Pais dos Adolescentes

Esta seção está dividida em duas subseções e apresenta e discute os resultados encontrados na aplicação da Folha de Análise de Conflitos e do Family Assessment Measure – Escala de Relacionamentos Diádicos aos pais de usuários e pais de não-usuários de drogas, ao final de cada subseção há um resumo da análise efetuada e ao final da seção há um resumo geral e comparação dos achados nos dois instrumentos.

1. Folha de Análise de Conflitos

Para o teste da hipótese de que existem diferenças estatisticamente significativas entre o nível de conflito conjugal em famílias de usuários e o nível de conflito conjugal em famílias de não-usuários de drogas, foram utilizados os testes não paramétricos “Comparação entre duas proporções” (através do software ‘Primer of Biostatistics’) e “Qui-quadrado” (pelo Epi-Info). O nível de significância estatístico adotado foi de 5% (0,05).

Tabela 1

Comparação entre os percentuais totais das respostas de pais de usuários e pais de não usuários de drogas na Folha de Análise de Conflitos (Pais)

ANÁLISE DE CONFLITOS	USUÁRIOS DE DROGAS		NÃO-USUÁRIOS DE DROGAS	
	PAIS n=21	MÃES n=21	PAIS n=25	MÃES n=25
	%	%	%	%
RC Respostas Concordantes	76	76	87	89
RD Respostas Discordantes	24	24	13	11
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0

USUÁRIOS: Pais → $z=13,499$ e $p<0,0001$; Mães → $z=13,767$ e $p<0,0001$.

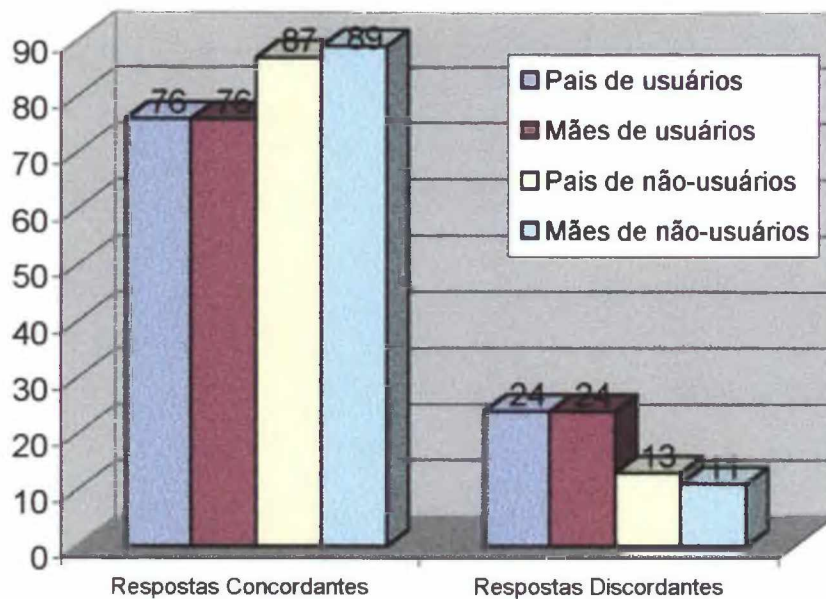
NÃO-USUÁRIOS: Pais → $z=21,273$ e $p<0,0001$; Mães → $z=22,905$ e $p<0,0001$.

χ^2 (qui-quadrado) = 52,45 e $p<0,00001$

A figura 1 ilustra resumidamente estes resultados.

Figura 1

Comparativo entre as respostas de pais de usuários e pais de não usuários de drogas na Folha de Análise de Conflitos (Pais)



FONTE: Tabela 1

Na análise comparativa entre os pais (pai e mãe) de usuários de drogas com os pais de não usuários, em relação à Folha de Análise de Conflitos (Tabela 1 e Figura 1), foram constatadas que existem significâncias estatísticas entre os resultados apresentados pelos dois grupos. Pais de usuários apresentaram resultados de $z=13,499$ e $p<0,0001$ e mães de usuários apresentaram um resultado de $z=13,767$ e $p<0,0001$, enquanto que pais de não-usuários apresentaram resultados de $z=21,273$ e $p<0,001$ e mães de não-usuários apresentaram um resultado de $z=22,905$ e $p<0,0001$, sendo o qui-quadrado igual a 52,45 e $p<0,0001$.

Estes resultados apoiam a hipótese que existem diferenças estatisticamente significativas entre o nível de conflito conjugal em famílias de usuários de drogas e o nível de conflito conjugal em famílias de não-usuários de drogas.

A análise comparativa entre o grupo de pais de usuários e pais de não-usuários de drogas das respostas dadas a cada questão do instrumento é apresentada na Tabela 2.

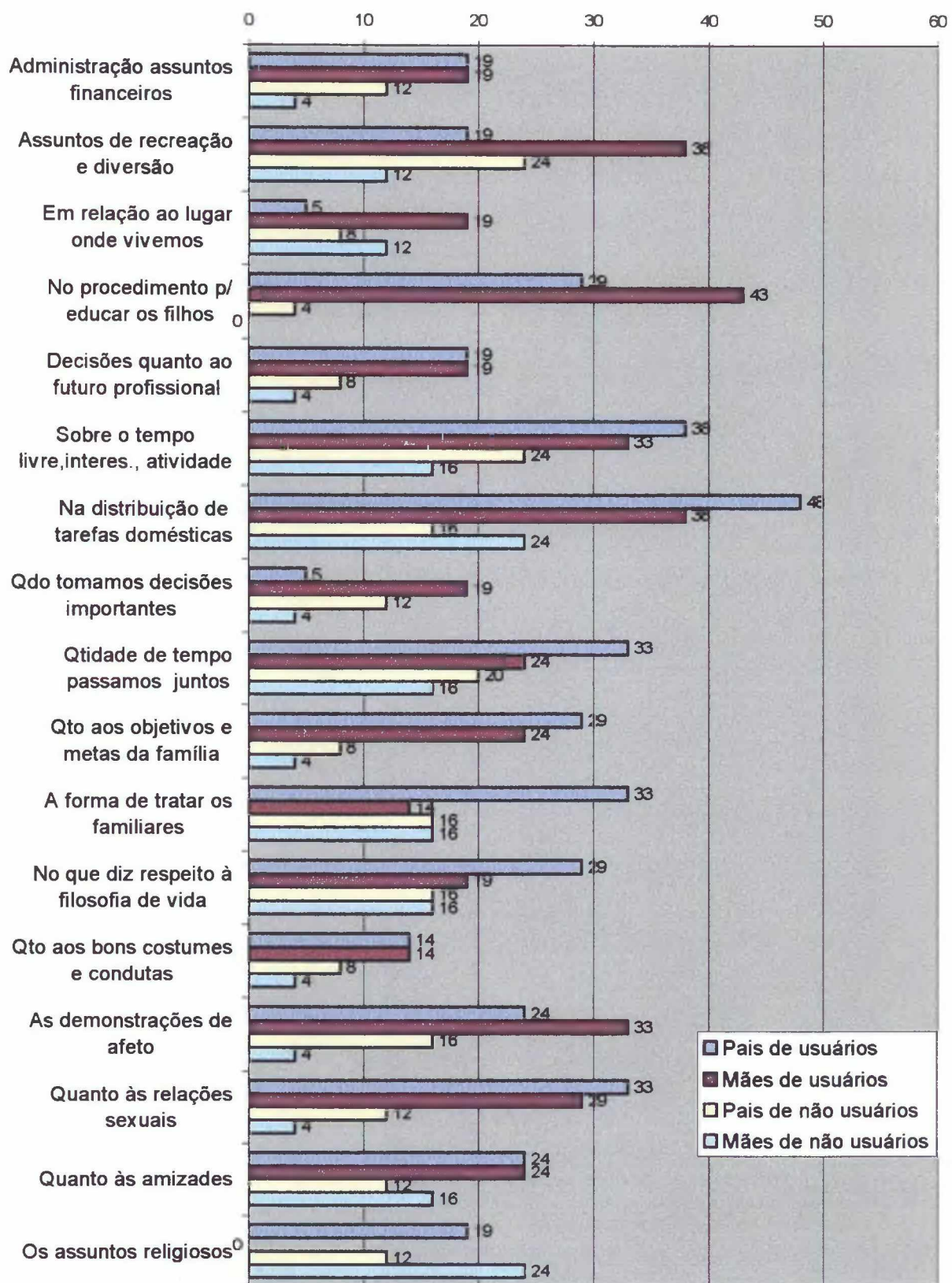
Tabela 2

Comparação entre os percentuais de cada item das respostas de pais de usuários e pais de não usuários de drogas na Folha de Análise de Conflitos (Pais).

TEMAS		USUÁRIOS				NÃO-USUÁRIOS			
		PAIS n=21		MÃES n=21		PAIS n=25		MÃES n=25	
		%RC	%RD	%RC	%RD	%RC	%RD	%RC	%RD
1	Administração dos assuntos financeiros	81	19	81	19	88	12	96	4
2	Assuntos de recreação e diversão	81	19	62	38	76	24	88	12
3	Em relação ao lugar onde vivemos	95	5	81	19	92	8	88	12
4	No procedimento para educar os filhos	71	29	57	43	96	4	100	0
5	Decisões quanto ao futuro profissional	81	19	81	19	92	8	96	4
6	Sobre o tempo livre, interesses e atividades	62	38	67	33	76	24	84	16
7	Na distribuição de tarefas domésticas	52	48	62	38	84	16	76	24
8	Quando tomamos decisões importantes	95	5	81	19	88	12	96	4
9	Quantidade de tempo que passamos juntos	67	33	76	24	80	20	84	16
10	Quanto aos objetivos e metas da família	71	29	76	24	92	8	96	4
11	A forma de tratar os familiares	67	33	86	14	84	16	84	16
12	No que diz respeito à filosofia de vida	71	29	81	19	84	16	84	16
13	Quanto aos bons costumes e condutas	86	14	86	14	92	8	96	4
14	As demonstrações de afeto	76	24	67	33	84	16	96	4
15	Quanto às relações sexuais	67	33	71	29	88	12	96	4
16	Quanto às amizades	76	24	76	24	88	12	84	16
17	Os assuntos religiosos	81	19	100	0	88	12	76	24

Figura 2

Respostas discordantes de pais e mães de usuários e pais e mães de não usuários de drogas por tema na Folha de Análise de Conflitos (Pais)



A seguir apresenta-se uma discussão dos resultados encontrados na análise de cada item do instrumento aplicado.

1.1 – Administração dos assuntos financeiros da família

Através da figura 2, podemos observar que entre os pais de usuários de drogas, o nível de discordância obtido para este item é maior que o nível de discordância obtido entre pais de não-usuários, especialmente que o resultado apresentado pelas mães de não-usuários.

Estas respostas provavelmente estão ligadas à classe social que foi objeto da pesquisa. Uma das características das famílias de classe média moderna é a busca de estabilidade material e do sucesso, que se traduz em bens imóveis e patrimônio que possa assegurar um conforto para a velhice e boa herança para as gerações vindouras (Maldonado 1998). Constatou-se nas entrevistas, que geralmente nas famílias de classe média, o pai é o responsável pelo sustento financeiro do lar, tendo o maior ingresso financeiro e, como consequência, a decisão sobre a utilização dos recursos da família.

Observou-se também nas entrevistas que nas famílias de não-usuários a mãe, em geral tem uma atividade profissional independente, tendo maior autonomia de manejar seus próprios ingressos financeiros e, desta forma, gerando menos conflitos sobre o tema no relacionamento conjugal.

1.2 – Sobre os assuntos de recreação e diversão

Novamente é significativo o grau de discordância entre as mães de usuários (38%) quando comparado ao grau de discordância entre as mães de não-usuários (12%) – figura 2.

Parece que existe uma expectativa por parte das mães de usuários que a recreação e a diversão ocorram como casal e em família. O fato das mães de não-usuários apresentarem um grau três vezes menor de discordância que as mães de usuários pode ser indicativo que elas

tem maior liberdade para o desenvolvimento de atividades de diversão, com menor dependência em relação aos maridos.

Na análise das respostas dos esposos nas famílias de não-usuários, percebe-se que esta maior autonomia das esposas provoca descontentamento nos maridos que assinalaram o dobro da discordância que suas esposas. Nas famílias de usuários, os maridos parecem menos incomodados que as esposas quanto às formas de divertir-se, buscando as mesmas fora do lar ou de maneira individual, gerando conseqüentemente conflitos entre o casal.

1.3 – Em relação ao lugar onde vivemos

Este foi um dos temas de menor discordância entre pais de usuários de drogas, sendo que mães de usuários manifestaram o triplo de desagrado que seus esposos em relação a este item. Como nestas famílias o marido é o responsável pelos ingressos financeiros e as esposas têm uma dependência em relação a isto, são eles que acabam decidindo sobre o investimento material da família, o que inclui o lugar em que vivem. Todavia como as esposas é que acabam tendo uma parcela maior no cuidado e atenção com a casa, elas valorizam mais que os esposos os detalhes da aparência e organização da mesma, o que, não poucas vezes é fator gerador de disputas entre o casal.

1.4 - No procedimento para educar os filhos

Conforme apresentado na figura 2, as mães de usuários de drogas, em especial, vêm neste tema o maior fator de conflito conjugal. Isso confirma a afirmativa de muitos pesquisadores sobre paternidade inconsistente ou a ausência do pai no processo educacional dos filhos (Kalina e Kovadloff, 1983; Montera, 1979; Wu e Kandel, 1995). Conforme as palavras de uma mãe em uma das entrevistas realizadas: *“Eu explico que ele (o filho) está errado, e como deveria se comportar... às vezes em voz alta... mas meu marido já fica agressivo, quer bater tanto moralmente como fisicamente... existe agressão”*.

Em contraposição, nas famílias de não-usuários o item destaca-se por quase não haver discordância entre o casal, que pode ser indicador de limites claros e exercício dos papéis de mãe e pai, gerando satisfação do adolescente com o ambiente familiar, fatores estes apontados por Denton e Kampfe (1994) como diretamente ligados ao uso ou não de drogas pelos adolescentes.

1.5 - Decisões relacionadas ao futuro profissional (do casal)

Observa-se, através da figura 2, que pais e mães de usuários de drogas avaliaram este item com maior nível de discordância de que pais e mães de não-usuários.

Um dado que surgiu nas entrevistas foi que nas famílias de usuários de drogas, a atividade profissional da esposa é exercida junto com o marido ou restringe-se às tarefas domésticas, enquanto que nas famílias de não-usuários, em geral as esposas exercem atividades profissionais distintas das dos maridos.

Este dado pode estar ligado a um controle maior exercido pelos maridos sobre suas esposas nas famílias de usuários, fruto de uma insegurança que é gerada pela própria instabilidade da relação. Como citou um marido de uma família de usuários de drogas em uma das entrevistas: *“Eu sempre digo a R. que ela deveria arranjar um emprego, não por causa do dinheiro, graças a Deus o que eu ganho dá para sustentar a família, mas para ela ocupar-se com algo diferente... acho que agora ainda não é o momento... ela tem muitas preocupações com os filhos... quem sabe quando eles estejam maiores...”*

1.6 - Sobre o tempo livre, interesses e atividades

Nas famílias de usuários de drogas o nível de discordância para este item foi maior que o nível de discordância anotado pelos pais de não-usuários. Em especial destaca-se a insatisfação das mães de usuários de drogas em comparação com as mães de não-usuários. Isso pode ser averiguado através da figura 2.

Isso confirma o que surgiu também nas entrevistas realizadas, onde todas as famílias de usuários de drogas entrevistadas foram uníssonas em afirmar que não tem nenhuma atividade em conjunto como família, isso em função da sobrecarga de atividades profissionais do pai, que gera cansaço e que, quando em casa, refugia-se na frente da televisão. Nas palavras de uma mãe de usuário de droga: *“Nós não temos amigos nem vida social. O L. quando chega em casa está tão cansado que só quer deitar e ver TV. Eu peço às crianças para não incomodá-lo”*.

Denton e Kampfe (1994) identificaram esta característica em suas pesquisas denominando de “um ambiente familiar pobre”; ou seja, onde existem poucas interações entre os membros da família, quer seja para o lazer, quer seja para o trabalho no lar.

1.7 - Na distribuição das tarefas domésticas

Entendendo este fator juntamente com os itens anteriores como ligados à formação cultural das famílias brasileiras, entende-se que os homens dão pouca importância às tarefas do lar, uma vez que o processo de aculturação os treina para uma vivência externa, social, com atividades e interesses voltados para o meio ambiente, enquanto a mulher é aculturada para uma vivência interna, voltada para a casa e a relação familiar. Este mito cultural, de que a mulher é para o lar enquanto o marido é para o mundo exterior (Maldonado, 1998), evidencia-se de forma expressiva nas relações familiares, em especial nas famílias de usuários de drogas.

Desta forma as tarefas domésticas ficam delegadas à esposa e aos filhos que manifestam suas insatisfações através de constantes cobranças de participação do marido/pai, o qual responde com irritação e isolamento do convívio familiar. Nos estudos de Anderson e Henry (1994) encontramos que há uma relação entre o uso de drogas pelo adolescente e a forma como os membros da família ingressam juntas numa significativa e integrada unidade.

1.8 - Quando tomamos decisões importantes

Analisando a figura 2, constatamos que neste tema os pais de usuários assinalaram um nível de discordância menor que os pais de não-usuários, enquanto que entre as mães, ocorreu o inverso, ou seja, as mães de usuários assinalaram o quádruplo de discordância que as mães de usuários.

O entendimento destas respostas está diretamente ligado às respostas anteriores e aos padrões culturais das famílias pesquisadas. No caso das famílias de usuários de drogas, o pai que é o principal responsável pela manutenção financeira da casa - o provedor, sente-se também no direito de tomar as decisões mais importantes que dizem respeito à família, isso incluiria as decisões quanto ao futuro profissional do casal, uso do tempo livre e outras mais. Isso gera certa insatisfação da parte das esposas que querem maior espaço de participação nas decisões.

O processo de aculturação que as famílias brasileiras sofreram desde o início de sua colonização, reforça a idéia de um esposo provedor e autoritário, idéia esta que ainda prevalece nos relacionamentos familiares de classe média, apesar de todas as mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas.

1.9 - Quanto à quantidade de tempo que passamos juntos

De igual forma neste item, pais e mães de usuários de drogas demonstram níveis de discordância maiores que os encontrados entre pais e mães de não-usuários de drogas.

Estas respostas estão consoantes com as relativas ao uso do tempo livre, interesses e atividades. Quando não existe acordo sobre a quantidade de tempo que se deve passar juntos como casal, é natural que cada cônjuge busque suas atividades e interesses de forma independente do outro, empobrecendo, conseqüentemente o relacionamento. Nas palavras de uma mãe de usuário de drogas entrevistada: *“O tempo que passamos juntos é na firma (são donos de um comércio). Não temos nenhuma outra atividade juntos... é só trabalho”*.

Também nesta etapa do ciclo vital (Carter e McGoldrick, 1995) muitos casais têm desenvolvido atividades e interesses pessoais que não incluem o outro, gerando certas tensões internas no relacionamento.

1.10 - Quanto aos objetivos e metas da família

Pais e mães de usuários de drogas apresentaram um nível bem elevado de desacordo neste tema, quando comparado ao nível de desacordo apresentado pelos pais de não-usuários, conforme observado na figura 2.

Analisando estas respostas em consonância com as respostas das questões anteriores e o conteúdo das entrevistas, percebemos que, em geral, maridos, em famílias de usuários de drogas, têm uma mentalidade bastante voltada para futuro, incluindo o sucesso profissional, valorizando muito o trabalho e o resultado econômico extraído do mesmo, enquanto as esposas, ainda que valorizem a questão econômica e desejem um conforto financeiro, dão bastante importância também à convivência familiar e tudo que gira em torno deste tema: ‘tarefas domésticas’, ‘uso do tempo livre’, ‘quantidade do tempo que passam juntos’, e outros temas, que na avaliação das mães sempre obtiveram graus de discordância significativos.

O baixo nível de discordância apresentado pelos pais e mães de não-usuários, quando comparados com os pais de usuários, certamente é fator gerador de segurança para o adolescente. Segundo Preto: *“para estabelecer autonomia, eles precisam tornar-se cada vez mais responsáveis por suas próprias decisões e ao mesmo tempo sentir a segurança da orientação dos pais”* (Preto apud Carter e McGoldrick, 1995, p.225). Este fator tem sido apontado nas pesquisas de Anderson e Henry (1994) como muito importantes como elemento preventivo ao uso de drogas pelos adolescentes.

1.11 - A forma de tratar os familiares (pais, sogros, etc)

Na percepção dos pais de usuários de drogas este tema também se revela mais conflitante que na percepção dos pais de não-usuários.

Isso confirma os achados de Humes e Humphrey (1994) que vêem nas famílias de usuários de drogas um ‘emaranhado intergeracional’ maior que nas famílias em geral, ou seja, não houve uma separação real e significativa dos pais em relação aos seus próprios pais (avós). Também se deve recordar que nesta etapa do ciclo vital o casal encontra-se ‘entre duas gerações’ e que algumas vezes conflitos não-resolvidos entre os pais e os avós podem aflorar (Carter e McGoldrick, 1995). Quando o relacionamento conjugal é conflitivo, a interferência dos avós na educação dos netos é mais incisiva, especialmente se há uma aliança entre um dos cônjuges e seu progenitor ou progenitora.

1.12 - No que diz respeito à filosofia de vida

Os maridos em famílias de usuários de drogas apontam níveis maiores de discordância que as esposas neste tema e, o dobro de discordância quando comparados com maridos em famílias de não-usuários – figura 2.

Entendendo que em tais famílias com a figura paterna voltada mais para o trabalho, a educação e os princípios filosóficos que vão reger a família ficam mais a encargo da mãe, que os impõe aos filhos, um tanto quanto que à revelia da opinião dos pais. Como citado por um dos filhos em uma das entrevistas: *“Meu pai não conversa muito, é fechado... impõe respeito, já a mãe põe pra fora o que sente, é mais da conversa e explica as coisas da vida pra gente”*.

1.13 - Quanto aos bons costumes e condutas adequadas

Através da figura 2 constatamos que, neste tema o nível de discordância entre mães e pais de usuários de drogas foi percentualmente mais significativo que o nível de discordância entre mães e pais de não-usuários de drogas.

O entendimento destas respostas está no fato que a aprendizagem de bons costumes é percebida como tema consensualmente delegado às mães, as quais, em geral, são mais atentas às questões éticas e estéticas pertinentes à educação familiar.

Nurco e Lerner (1996) afirmam que uma forte aceitação paterna de crenças tradicionais sobre bom comportamento para adolescentes e forte desaprovação paterna de maus comportamentos são fatores presentes em famílias com menor vulnerabilidade para o uso de drogas pelos filhos adolescentes.

1.14 - As demonstrações de afeto

Neste item o grau de discordância das mães de usuários é significativamente maior que o das mães de não-usuários (figura 2).

Isso pode significar que nas famílias de não-usuários o clima afetivo predomina no relacionamento conjugal, ou, pelo menos é percebido pelas esposas como algo agradável e coerente com todo o contexto familiar. Em contraposição, as respostas das mães nas famílias de usuários de drogas sugerem que as manifestações afetivas dos esposos são pobres ou inadequadas. Estes dados são consoantes ao achados de Carvalho, Pinsky, Silva e Carlini (1995), que encontraram nas famílias de usuários de drogas a presença de um ambiente familiar violento cinco vezes maior que nas famílias de não usuários.

1.15 - Quanto às relações sexuais

Neste tema, nas famílias de usuários de drogas, tanto maridos como esposas demonstram um alto grau de discordância, em se comparando com o nível de discordância obtido nas famílias de não-usuários. Pode-se interpretar estas respostas como consequência natural da falta de tempo juntos e da manifestação de afeto discordante.

Observou-se através das entrevistas que há uma tendência, nas famílias de usuários de drogas, dos maridos desvincularem as relações sexuais das manifestações afetivas, procurando o intercurso sexual mesmo depois de uma briga ou um dia tenso no relacionamento conjugal. As esposas por sua vez, fazem uma estreita associação entre estes temas e rejeitam as aproximações dos maridos quando o relacionamento em geral não está bem, aumentando ainda mais o conflito. Possivelmente esta é a causa dos percentuais de

conflito sobre este item e o item que trata de manifestações de afeto serem tão similares tanto nas famílias de usuários como nas famílias de não usuários. Nas palavras de um pai de usuário de drogas: *“Muitas vezes eu vou para a cama e fico esperando por ela, mas daí ela resolve ir limpar a casa... é brincadeira... depois ela reclama que eu não dou carinho para ela”*.

1.16 - Quanto às amizades

Possivelmente há uma relação próxima entre este tema e o tema que diz respeito aos assuntos de recreação e diversão nas respostas de pais e mães de usuários de drogas.

Tendo formas distintas de se divertir, é natural que o casal também desenvolva amizades com grupos distintos e que nem sempre irão agradar ao cônjuge. A influência das amizades é percebida como causadora do distanciamento entre o casal. Como o citado em uma das entrevistas por uma mãe de usuário de drogas: *“Nós não temos amigos como casal. Eu não gosto disto”*.

1.17 - Os assuntos religiosos

Como observado na figura 2, neste item as mães de usuários de drogas afirmam não haver nenhuma discordância entre o casal, enquanto os pais se expressaram de forma distinta. Já nas famílias de não-usuários os pais assinalaram níveis de discordância inferiores que os das mães.

Isso pode significar que nas famílias de usuários as esposas percebem os maridos como sempre concordantes com suas opções religiosas, enquanto nas famílias de não-usuários ocorre o oposto. No caso das famílias de usuários, o fato pode estar relacionado com a pouca participação e ausência dos pais no processo educacional dos filhos, deixando a responsabilidade deste processo para as mães. As mães, por sua vez, impõem seus valores morais e religiosos aos filhos, ainda que não com a concordância e o agrado dos pais. Nas famílias de não-usuários como a presença dos pais é mais significativa, o tema passa a ser

mais conflitante. *“Para mim, ir à igreja é muito importante - cita uma mãe de usuário - e eu faço questão que os filhos vão. Quando menores eles me acompanhavam, mas agora, porque o pai não vai, os mais velhos já não querem ir também”*.

Resumo

Observa-se nas análises dos itens separadamente que o item com menor índice de discordância para as mães de não-usuários (0%) é exatamente o item de maior índice de discordância para as mães de usuários de drogas (57%) – a questão que diz respeito ao procedimento de educar os filhos. Isso reflete o quanto o assunto é conflitivo nas famílias de usuários de drogas, em virtude do pai se ausentar do processo educacional dos filhos, deixando a responsabilidade desta tarefa para as mães, gerando para estas uma sobrecarga e, muitas vezes, dificuldades de estabelecer limites claros aos filhos. Ambas as atitudes – falta da habilidade dos pais em estabelecer limites e exercer seus papéis foram apontados por Denton e Kampfe (1994) e Barcelos (2000) como fatores associados ao uso de drogas.

A comparação das respostas das famílias de usuários com as respostas das famílias de não-usuários revelaram também que o item de maior discordância entre as mães de não-usuários (24%), é o item de menor discordância entre as mães de usuários (0%), a saber, o item sobre os assuntos religiosos. Essa diferença pode ser entendida como uma religiosidade desenvolvida pelas mães de usuários na tentativa de soluções para o problema dos relacionamentos familiares. Ela acaba impondo suas opções religiosas à família, em especial aos filhos, uma vez que o pai se ausenta da responsabilidade educacional. Uma possibilidade de entendimento do nível de discordância deste item em famílias de não-usuários pode estar no fato de que o grupo de controle (pais de não-usuários) ter sido obtido principalmente em um colégio confessional (luterano) e haverem muitos casamentos ‘mistos’ do ponto de vista religioso, o que pode ser fonte permanente de atritos.

Entre os pais de usuários, a principal discordância está na questão da distribuição das tarefas domésticas (48%), revelando o pouco envolvimento do pai no processo da casa, fruto de uma aculturação rígida e de papéis exercidos de forma estereotipada. Este pouco envolvimento do pai é confirmado nas respostas sobre o tempo livre e interesses, que foi o segundo ponto de maior discordância entre o casal (38%), segundo a percepção dos maridos.

Os pais de não-usuários também assinalaram os itens sobre assuntos de recreação, diversão e tempo livre, interesses e atividades como os mais divergentes (24%). Embora com quase a metade da divergência assinalada pelos pais de usuários. Em se observando o outro item que recebeu o mesmo percentual de divergência (24%) que é o dos assuntos de recreação e diversão, conclui-se que nas famílias de não-usuários os conflitos, segundo a percepção dos pais, estão mais ligados às formas de lazer e entretenimento que à responsabilidade da educação.

Sinteticamente podemos afirmar que existem diferenças estatisticamente significativas entre o nível de discordância entre as respostas de pais e mães de usuários e pais e mães de não-usuários, confirmando a hipótese levantada no estudo. O tema de maior desacordo na comparação entre famílias de usuários com as famílias de não usuários é o ligado ao procedimento para educar os filhos, o qual, analisado em conjunto com os demais itens divergentes revela a pouca participação do marido no processo educacional, nas famílias de usuários de drogas.

2. Family Assessment Measure - Escala de Relacionamentos Diádicos (FAM-III)

Esta subseção apresenta os resultados obtidos com o instrumento FAM III.

Para a análise das questões, as mesmas foram agrupadas em 7 temas extraídos do modelo apresentado por Formigoni e Castel (1999, p.24) para o levantamento do FAM III, que seguem a versão original. Os 7 temas são: realização de tarefas (resolução de problemas); realização de papéis; comunicação; expressão afetiva; envolvimento; controle e valores e normas. O título do tema ‘realização de tarefas’ foi substituído por ‘resolução de problemas’, que, segundo o autor da pesquisa, contempla melhor a síntese das questões a ele vinculadas.

Para testar a hipótese de que existem diferenças estatisticamente significativas entre o nível de conflito conjugal em famílias de usuários e o nível de conflito conjugal em famílias de não-usuários de drogas, foram utilizados os testes não paramétricos “Comparação entre duas proporções” e “Qui-quadrado”. O nível de significância estatística adotado foi de 5% (0,05).

Tabela 3

Comparação entre os percentuais totais das respostas de pais de usuários e pais de não usuários de drogas no Family Assessment Measure – Escala de Relacionamentos Diádicos

RESPOSTAS	USUÁRIOS DE DROGAS		NÃO-USUÁRIOS DE DROGAS	
	PAIS n=21	MÃES n=21	PAIS n=25	MÃES n=25
	%	%	%	%
RC Respostas Concordantes	67	63	81	80
RD Respostas Discordantes	33	37	19	20
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0

USUÁRIOS: Pais → $z=14,232$ e $p<0,0001$; Mães → $z=10,872$ e $p<0,0001$.

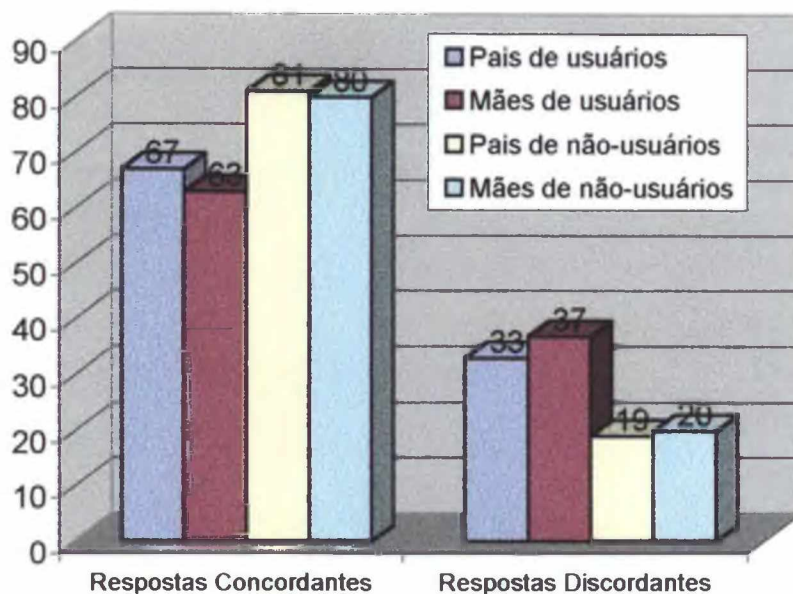
NÃO-USUÁRIOS: Pais → $z=28,277$ e $p<0,0001$; Mães → $z=27,177$ e $p<0,0001$.

χ^2 (qui-quadrado) = 150,59 e $p<0,00001$

A figura 3 ilustra resumidamente estes resultados.

Figura 3

Comparativo entre as respostas de pais de usuários e pais de não usuários de drogas no FAM – III Escala de Relacionamentos Diádicos



FONTE: Tabela 3

Na análise comparativa entre pais (pai e mãe) de usuários de drogas e pais de não-usuários, em relação ao FAM III (Tabela 3 e Figura 2), foram constatadas que existem significâncias estatísticas entre os resultados apresentados pelos dois grupos. Pais de usuários apresentaram resultados de $z=14,232$ e $p<0,0001$ e mães de usuários apresentaram um resultado de $z=10,872$ e $p<0,0001$, enquanto que pais de não-usuários apresentaram resultados de $z=28,277$ e $p<0,001$ e mães de não-usuários apresentaram um resultado de $z=27,177$ e $p<0,0001$, sendo o qui-quadrado igual a 150,59 e $p<0,0001$.

Estes resultados apóiam a hipótese de que existem diferenças estatisticamente significativas entre o nível de conflito conjugal em famílias de usuários de drogas e o nível de conflito conjugal em famílias de não-usuários de drogas.

A análise comparativa entre o grupo de pais de usuários e pais de não-usuários de drogas das respostas dadas a cada questão do instrumento é apresentada na Tabela 4 e nas descrições de cada tema.

Tabela 4

Comparação entre os percentuais de cada item das respostas de pais de usuários e pais de não usuários de drogas no FAM III – Escala de Relacionamentos Diádicos.

	USUÁRIOS				NÃO USUÁRIOS			
	PAIS n=21		MÃES n=21		PAIS n=25		MÃES n=25	
	%RC	%RD	%RC	%RD	%RC	%RD	%RC	%RD
1. Sempre vemos os problemas da família da mesma forma	38	62	29	71	76	24	64	36
2. Aceita o que eu espero dele(a) na família.	57	43	52	48	80	20	84	16
3. Quando digo alguma coisa, entende o que quero dizer.	29	71	38	62	64	36	64	36
4. Ele(a) percebe quando eu não estou bem.	90	10	67	33	96	4	80	20
5. Eu e ele(a) somos muito próximos um do outro.	81	19	71	29	88	12	96	4
6. Ele(a) é ponderado quando eu cometo um erro.	62	38	67	33	64	36	64	36
7. Temos a mesma opinião sobre o que é certo ou errado.	43	57	38	62	72	28	72	28
8. Ele(a) sempre aceita minha solução para um problema.	52	48	38	62	44	56	64	36
9. Ele(a) faz a sua parte das responsabilidades familiares	90	10	81	19	100	0	96	4
10. Ele(a) sempre entende meus pensamentos.	48	52	29	71	68	32	48	52
11. Quando não estou bem, ele(a) geralmente sabe o porquê.	86	14	52	48	72	28	56	44
12. Quando não estou bem, sei que realmente se preocupa	90	10	76	24	96	4	92	8
13. Quando admito que estou errado sempre me perdoa.	76	24	81	19	92	8	88	12
14. Temos mesma opinião sobre como passar o tempo livre.	29	71	38	62	52	48	48	52
15. Quando eu tenho um problema ele(a) me ajuda	81	19	71	29	96	4	100	0
16. Está certo quando afirma que eu espero muito dele(a).	86	14	71	29	76	24	76	24
17. Se está bravo comigo, me fala franca e abertamente	52	48	76	24	64	36	84	16
18. Ele(a) demonstra como se sente em relação a mim.	71	29	86	14	92	8	92	8
19. Continua me amando mesmo quando brigo com ele(a)	81	19	81	19	92	8	92	8

20. Quando cometo um erro, ele(a) é tolerante comigo.	62	38	57	43	60	40	72	28
21. Está completamente certo s/ a importância da religião	81	19	71	29	88	12	68	32
22. Quando há problemas entre nós, encontra forma resolver	52	48	57	43	72	28	72	28
23. É cuidadoso(a) quando usa as minhas coisas.	90	10	86	14	92	8	80	20
24. Está disponível quando eu quero falar com ele(a).	71	29	43	57	92	8	76	24
25. Quando fica bravo comigo, procura resolver o assunto	43	57	62	38	68	32	96	4
26. Sabe respeitar minha individualidade.	57	43	71	38	84	16	92	8
27. Dá uma chance p/ eu explicar quando cometo erro.	71	29	71	29	84	16	92	8
28. Está certo quanto à importância da educação.	86	14	71	29	100	0	100	0
29. Quando há problemas, é objet/prátic na busca de solução	62	38	62	38	68	32	80	20
30. Ele(a) está satisfeito com meu jeito de ser.	48	52	52	48	72	28	76	24
31. Ouve minha opinião quando pensa de forma distinta.	81	19	71	29	92	8	96	4
32. Busca meu consolo quando teve um dia ruim.	43	57	62	38	80	20	72	28
33. Ele(a) realmente confia em mim.	62	38	81	19	88	12	88	12
34. Me dá espaço para me realizar como pessoa.	67	33	62	38	96	4	88	12
35. É coerente entre o que espera de mim e se comp. a resp.	67	33	71	29	76	24	80	20
36. Eu posso contar com a ajuda dele em uma crise.	90	10	81	19	92	8	92	8
37. Temos mesma opinião s/ quem deveria fazer o que família	57	43	57	43	92	8	72	28
38. Eu sempre posso acreditar no que ele(a) diz.	81	19	57	43	88	12	80	20
39. Respeita opiniões mesmo quando não está bem.	57	43	52	48	80	20	76	24
40. Ele(a) é atencioso comigo.	71	29	71	29	76	24	80	20
41. Sempre faz a sua parte sem que precise lembrá-lo.	81	19	52	48	84	16	72	28
42. Está certo sobre a importância de ser bem-sucedido.	90	10	90	10	92	8	84	16

A seguir apresenta-se uma discussão dos resultados encontrados na análise das questões do instrumento aplicado, agrupada nos 7 temas propostos.

a) Resolução de problemas

O tema de resolução de problemas revelou que as mães nas famílias de usuários de drogas discordam o dobro das mães das famílias de não-usuários de drogas, enquanto que os pais de usuários assinalaram graus de discordância superiores quando comparados aos pais de não-usuários.

As respostas das questões 1; 8; 22 e 29 expressam bem as diferenças entre o pensamento ‘masculino’ - que visa a objetividade, a racionalidade e a lógica; e o pensamento ‘feminino’ - que visa a subjetividade, a valorização dos sentimentos e a intuição.

De igual forma destaca-se a questão 15, na qual as mães de não-usuários assinalaram 100 de concordância, mostrando como se sentem apoiadas pelos esposos quando surge um problema. Os resultados sugerem que nas famílias de usuários existe menos ajuda e solidariedade para a resolução de um problema que nas famílias de não-usuários, sendo esta uma fonte de conflitos. Nas palavras de uma mãe de não-usuário de drogas: *“Eu não posso reclamar, o L. é bastante participativo na educação de nossos filhos. Posso chegar a ela com um problema que ele me ouve e em geral buscamos juntos uma solução”*.

As respostas às questões sugerem que nas famílias de usuários de drogas existe menos cooperação e menos unidade na resolução de problemas que em famílias de não-usuários.

A Tabela 4a resume estes resultados.

Tabela 4a

Comparativo das respostas discordantes entre pais de usuários e de não-usuários de drogas nas questões relativas ao tema de resolução de problemas no FAM III

	USUÁRIOS		NÃO USUÁRIOS	
	PAIS	MÃES	PAIS	MÃES
1. Sempre vemos os probl. da fam. da mesma forma	62	71	24	36
8. Sempre aceita minha solução p/ um problema.	48	62	56	36
15. Quando eu tenho um problema me ajuda	19	29	4	0
22. Qdo há probl. entre nós, encontra forma resolver	48	43	28	28
29. Qdo há probl., é objet/prátic na busca de solução	38	38	32	20
36. Eu posso contar com a ajuda dele em uma crise.	10	19	8	8
PERCENTUAL MÉDIO PARA O TEMA	37	44	25	21

b) Realização de papéis

Percebe-se que o tema de realização de papéis é mais conflitante nas famílias de usuários de drogas que nas famílias de não-usuários, recebendo o dobro de respostas discordantes.

Essa idéia é reforçada pelas respostas dadas à questão 9, na qual os pais de não-usuários não assinalaram nenhuma resposta discordante (0%) e as mães apenas 4%, ou seja, há um alto grau de concordância entre os cônjuges no que tange às responsabilidades de cada um dentro da família, e isso incluiria o exercício dos papéis parentais.

A falta de responsabilidades parentais e a paternidade insuportável são assinalados por Brody e Forehand (1993) como fatores determinantes para o uso de drogas no adolescente. Também Wu e Kandel (1995) apontam para a paternidade inconsistente como fator predisponente para o uso de drogas e participação em delitos por adolescentes. Da mesma forma Brasiliano (1992) afirma que a recuperação de um dependente de drogas exige uma reestruturação dos papéis parentais, sugerindo que o uso de drogas pode estar vinculado ao exercício equivocado destes papéis.

Pode-se concluir que nas famílias de não-usuários o exercício dos papéis estão mais bem definidos, com cada componente do casal satisfeito com suas responsabilidades e também com as do cônjuge, o que não ocorreria nas famílias de usuários.

A síntese destes resultados é apresentada na tabela 4b.

Tabela 4b

Comparativo das respostas discordantes entre pais de usuários e de não-usuários de drogas nas questões relativas ao tema de realização de papéis no FAM III

	USUÁRIOS		NÃO USUÁRIOS	
	PAIS	MÃES	PAIS	MÃES
2. Aceita o que eu espero dele(a) na família.	43	48	20	16
9. Faz a sua parte das responsabilidades familiares	10	19	0	4
16. Está certo qdo afirma que eu espero muito dele.	14	29	24	24
23. É cuidadoso(a) quando usa as minhas coisas.	10	14	8	20
30. Ele(a) está satisfeito com meu jeito de ser.	52	48	28	24
37. Temos mesma opin. s/ quem dev fazer que fam.	43	43	8	28
PERCENTUAL MÉDIO PARA O TEMA	29	33	15	19

c) Comunicação

Pais e mães de usuários de drogas revelaram um grau bem maior de divergência que pais e mães de não-usuários nas questões relativas à comunicação, com as mães de usuários assinalando questões com mais de 70% de desacordo (questão 10).

Estas respostas revelam a deficiência na capacidade comunicacional entre os pais de usuários de drogas, com pouco espaço para o diálogo no relacionamento. Montera (1979), Denton e Kampfe. (1994) e Anderson e Henry (1994), colocam o fator comunicação disfuncional como um dos fatores de potencialidades patogênicas no sistema familiar adicto.

Humes e Humphrey (1994) afirmam que famílias de usuários de drogas são mais conflitivas devido a uma comunicação contraditória e ambivalente, com mensagens de afirmação e condenação misturadas, o que é reforçado em especial pelo nível de discordância apresentado nas respostas de pais e mães de usuários na questão 3.

Uma comunicação pobre entre o casal também pode pressupor um diálogo pobre entre pais e filhos, o que dificultaria o surgimento de um diálogo familiar criativo e esclarecedor, elemento que é apontado por Anderson e Henry (1994) como fator predisponente negativo ao uso de drogas pelo adolescente. A tabela 4c resume estes resultados.

Tabela 4c

Comparativo das respostas discordantes entre pais de usuários e de não-usuários de drogas nas questões relativas ao tema de comunicação no FAM III

	USUÁRIOS		NÃO USUÁRIOS	
	PAIS	MÃES	PAIS	MÃES
3. Qdo digo alguma coisa entende o que quero dizer.	71	62	36	36
10. Sempre entende meus pensamentos.	52	71	32	52
17. Se está bravo comigo, me fala franca e abertam.	48	24	36	16
24. Está disponível qdo eu quero falar com ele(a).	29	57	8	24
31. Ouve minha opinião mesmo qdo pensa distinta	19	29	8	4
38. Eu sempre posso acreditar no que ele(a) diz.	19	43	12	20
PERCENTUAL MÉDIO PARA O TEMA	40	48	12	25

d) Expressão afetiva

As respostas a este tema reafirmam os achados que o nível de discordância em famílias de usuários é maior que o nível de discordância em famílias de não usuários.

Observa-se que as esposas, em famílias de usuários, são mais perceptivas do estado emocional dos maridos, pois estes afirmam com maior concordância que os pais de não-usuários, que suas esposas percebem quando eles não estão bem e geralmente sabem o motivo. Já na expressão dos sentimentos em relação ao cônjuge, as respostas indicaram que pais e mães de usuários tem muito mais discordâncias que pais e mães de não-usuários, guardando os sentimentos para si e protelando para resolver as situações conflitivas. Também as respostas demonstraram que pais e mães de usuários tem mais dificuldades que pais e mães de não-usuários em buscar o apoio emocional no cônjuge quando não estão bem.

Hoffmann (1993) afirma que um dos fatores associados ao alto índice de uso de drogas entre adolescentes é o nível baixo de afetividade entre os pais. Carvalho (1995) conclui seu trabalho afirmando que o fator de maior implicação para o uso de drogas pelo adolescente é um lar sem afeto e com a presença de violência. Anderson e Henry (1994), discorrendo sobre os fatores negativos de predisposição ao uso de drogas pelos adolescentes nos falam de um comportamento nutridor e de suporte dentro da família, e Wu e Kandel

(1995), seguindo a mesma linha, falam da ausência de afeto como fator predisponente ao uso de drogas pelo adolescente.

Conclui-se que um lar onde a expressão afetiva se evidencia de forma clara e aberta nos relacionamentos, pode ser indicativo de um ambiente com menor predisponibilidade ao uso de droga pelo filho adolescente. Na Tabela 4d encontra-se uma síntese destes resultados.

Tabela 4d

Comparativo das respostas discordantes entre pais de usuários e de não-usuários de drogas nas questões relativas ao tema de expressão afetiva no FAM III

	USUÁRIOS		NÃO USUÁRIOS	
	PAIS	MÃES	PAIS	MÃES
4. Percebe quando eu não estou bem.	10	33	4	20
11. Qdo não estou bem, geralmente sabe o porquê.	14	48	28	44
18. Demonstra como se sente em relação a mim.	29	14	8	8
25. Qdo fica bravo comigo, procura resolv o assunto	57	38	32	4
32. Busca meu consolo quando teve um dia ruim.	57	38	20	28
39. Respeita opiniões mesmo quando não está bem.	43	48	20	24
PERCENTUAL MÉDIO PARA O TEMA	35	36	19	21

e) Envolvimento

O nível de envolvimento entre o casal, também é mais conflitante entre os pais de usuários de drogas que entre pais de não-usuários.

As respostas dadas à questão 33 pelos pais de usuários de drogas revelaram que os maridos confiam mais nas esposas que vice-versa. Por terem uma vivência maior fora do lar, buscando o isolamento, os maridos tornam-se menos transparentes e conseqüentemente menos confiáveis, na opinião das esposas. Como afirmado por uma delas em uma entrevista: *“Eu nunca tenho a certeza se ele realmente está fazendo o que diz, especialmente quando sai com os amigos... ele dá respostas evasivas..”*.

A questão que trata do respeito à individualidade do outro revela que pais e mães em famílias de usuários sentem-se pouco respeitados pelo cônjuge em sua individualidade, quando comparadas às respostas dos pais e mães de não-usuários.

Adrados (1995) nos indica que a literatura americana aponta um vínculo familiar pobre como um dos principais fatores ligados à drogadição, o que é confirmado nos estudos de Kalina e Kovadloff (1983) que enfatizam que o fraco vínculo entre os genitores é componente básico que favorece a busca de drogas pelos filhos.

Na mesma linha de pensamento, Cardim et al (1989) constataram que num levantamento entre consumidores de drogas, uma característica comum era que eles viviam em famílias que possuíam pouca coesão entre seus membros.

Desta forma, pais e mães de usuários de drogas que não se sentem próximos um do outro, não sentem confiança por parte do cônjuge, nem sentem-se respeitados em sua individualidade, vão evidenciar isto no relacionamento conjugal apresentando mais conflitos que em famílias de não-usuários. A Tabela 4e apresenta estes resultados de forma resumida.

Tabela 4e

Comparativo das respostas discordantes entre pais de usuários e de não-usuários de drogas nas questões relativas ao tema de envolvimento no FAM III

	USUÁRIOS		NÃO USUÁRIOS	
	PAIS	MÃES	PAIS	MÃES
5. Eu e ele(a) somos muito próximos um do outro.	19	29	12	4
12. Qdo não estou bem, sei que realm. se preocupa	10	24	4	8
19. Continua me amando mesmo qdo brigo com ele	19	19	8	8
26. Sabe respeitar minha individualidade.	43	38	16	8
33. Ele(a) realmente confia em mim.	38	19	12	12
40. Ele(a) é atencioso comigo.	29	29	24	20
PERCENTUAL MÉDIO PARA O TEMA	26	26	13	10

f) Controle

Mesmo obtendo-se níveis de discordância próximos entre famílias de usuários e famílias de não-usuários de drogas, ainda assim os níveis de discordância em famílias de usuários são superiores aos de famílias de não-usuários.

Constatou-se que em ambos os grupos há pouca tolerância em relação ao erro do cônjuge, todavia as reações parecem divergir nos distintos grupos quando o erro é admitido.

Isso está evidenciado nas respostas dadas às questões 13 e 27, que versam sobre a capacidade de manejar com o erro do outro e seguir adiante. Nas famílias de não-usuários de drogas parece existir mais flexibilidade para manejar com a admissão do erro que em famílias de usuários.

Bartle e Sabatelli, (1989) apud Anderson e Henry (1994), afirmam que as famílias de usuários de drogas tendem a ser menos flexíveis e como consequência disto, são menos abertas a mudanças. Como a adolescência é uma etapa do ciclo de vida familiar em que a flexibilidade é importantíssima, esta rigidez por parte dos pais pode estar relacionada entre os fatores predisponentes ao uso de drogas.

O estilo de monitoramento dos pais é apontado por Adrados (1995) como ligado ao uso de drogas pelo adolescente. Humes e Humphrey (1994) também nos falam dos estilos interacionais desenvolvidos na família como vinculados ao uso de drogas pelos filhos adolescentes. Brody e Forehand (1993) afirmam que altos níveis de conflito entre os cônjuges estão associados com o outro negativo e controlador e que sob estas condições os adolescentes incrementariam sua afinidade para o uso de álcool e outras drogas.

Os resultados estão apresentados de forma resumida na Tabela 4f.

Tabela 4f

Comparativo das respostas discordantes entre pais de usuários e de não-usuários de drogas nas questões relativas ao tema de controle no FAM III

	USUÁRIOS		NÃO USUÁRIOS	
	PAIS	MÃES	PAIS	MÃES
6. É ponderado quando eu cometo um erro.	38	33	36	36
13. Qdo admito que estou errado sempre me perdoa.	24	19	8	12
20. Qdo cometo um erro, é tolerante comigo.	38	43	40	28
27. Dá uma chance p/ eu explicar qdo cometo erro.	29	29	16	8
34. Me dá espaço para me realizar como pessoa.	33	38	4	12
41. Sempre faz a sua parte s/ que precise lembrá-lo.	19	48	16	28
PERCENTUAL MÉDIO PARA O TEMA	30	35	20	21

g) Valores e normas

Nas famílias de não-usuários de drogas a questão que não obteve nenhuma resposta discordante é a 28, que diz respeito à educação dos filhos. A unidade do casal neste tema é muito relevante, pois pode ser indicador de um exercício o claro dos papéis parentais com o conseqüente estabelecimento de limites claros e a transmissão de valores com assertividade.

Em especial é significativo que os cônjuges nas famílias de usuários de drogas diverjam tanto nos valores de certo ou errado (questão 7), porque isso pode trazer confusão aos filhos no processo educacional, gerando uma insegurança por parte destes de quem devem ouvir e obedecer. Em geral filhos dentro de uma relação como esta, acabam por buscar valores fora do sistema familiar, sendo facilmente influenciados por líderes carismáticos, ou buscando experimentar a vida sem um referencial forte para avaliar os perigos e/ou possibilidades de suas experiências.

A divergência do casal sobre os valores familiares em famílias de usuários de drogas está bastante evidenciada na afirmativa de um esposo, numa das entrevistas, em relação ao processo de educação dos filhos: *“Procuro conversar, explicar a verdade... coisa que nunca resolveu nada e infelizmente minha esposa, às vezes, interfere na frente dele, defendendo o filhinho dela...”*.

A questão que obteve o menor grau de discordância entre pais de usuários de drogas, foi o que diz respeito ao sucesso (questão 42). Este valor comum reflete o pensamento da classe social alvo da pesquisa, mas é importante observar que é um dos poucos itens sobre valores no qual o casal apresenta percentual alto de concordância. Isso pode ser negativo no sentido de uma busca do sucesso em sacrifício a um relacionamento familiar saudável.

A Tabela 4g apresenta uma síntese destes resultados.

Tabela 4g

Comparativo das respostas discordantes entre pais de usuários e de não-usuários de drogas nas questões relativas ao tema de valores e normas no FAM III

	USUÁRIOS		NÃO USUÁRIOS	
	PAIS	MÃES	PAIS	MÃES
7. Temos a mesma opinião s/ o que é certo/ errado.	57	62	28	28
14. Temos a mesma opinião s/ passar tempo livre.	71	62	48	52
21. Está completamente certo s/ a import. da religião	19	29	12	32
28. Está certo quanto à importância da educação.	14	29	0	0
35. É coerente entre o que esp. mim se comp. a resp.	33	29	24	20
42. Está certo s/ importância de ser bem-sucedido.	10	10	8	16
PERCENTUAL MÉDIO PARA O TEMA	34	37	20	25

Resumo

Na comparação das respostas ao Family Assessment Measure Version III - Escala de Relacionamentos Diádicos dos questionários de pais de usuários de drogas com os questionários dos pais de não-usuários, o primeiro dado que se destaca é que nos questionários de pais de não-usuários, tanto dos maridos como das esposas, apenas 03 questões obtiveram índices acima de 50% de discordância (02 nas respostas das esposas e 01 nas respostas dos maridos) e quatro questões obtiveram 100% de concordância (02 nas respostas dos maridos e 02 nas respostas das esposas). Enquanto que nos questionários aplicados aos pais de usuários de drogas, 04 questões obtiveram índices acima de 70% de discordância (02 entre os maridos e 02 entre as esposas) e 15 questões obtiveram índices acima de 50% de discordância (08 entre os maridos e 07 entre as esposas) e nenhuma questão obteve 100% de concordância.

Os pais de usuários de drogas assinalaram um percentual elevado de discordância (72%) sobre o uso do tempo livre (questão 14). Esta avaliação da questão vem de encontro à idéia que a ausência do marido do lar é uma fonte permanente de conflitos conjugais.

Também sob o tema comunicação, os maridos, nas famílias de usuários, afirmam sentirem-se não compreendidos pelas esposas (questão 3 - 72% de discordância). Já nas famílias de não-usuários, a mesma questão obteve apenas 36% de discordância. Isso indica

que na percepção dos maridos, as esposas, nas famílias de não-usuários de drogas, entendem melhor o que seus esposos querem dizer que nas famílias de usuários. Isso revela um complexo sistema comunicacional entre o casal, o qual segundo Batenson apud Hoffman (1992), estaria por trás de comportamentos disfuncionais dos filhos.

Os dados evidenciam que a discordância sobre a percepção dos problemas da família entre os pais de usuários de drogas (questão 1: mães = 72%; pais = 62%) é bem maior, quando comparados aos dados das famílias de não-usuários de drogas (nas quais as mães assinalaram níveis de discordância de 36% e os pais assinalaram apenas 24%). Pode ser indicativo que em famílias de usuários de drogas, maridos e esposas já partem de uma percepção muito distinta da gênese dos problemas, o que conseqüentemente produz muitas divergências e conflitos na busca de soluções dos mesmos.

A questão que obteve 100% de concordância tanto nas respostas dos pais quanto nas respostas das mães de famílias de não-usuários de drogas foi sobre a importância da educação dos filhos (questão 28), analisada sob o tema de valores e normas. Já nas famílias de usuários de drogas as esposas afirmam que seus maridos não dão a devida importância ao processo educacional dos filhos (29% de discordância).

Em suma, podemos afirmar que existem diferenças estatisticamente significativas entre o nível de discordância entre as respostas de pais e mães de usuários e pais e mães de não-usuários, confirmando a hipótese levantada no estudo. O tema de maior desacordo na comparação entre famílias de usuários com as famílias de não usuários é o da comunicação, revelando que nas famílias de usuários de drogas existe um complexo sistema comunicacional o qual, de acordo com os clássicos estudos de Batenson, e Watzlawick apud Hoffman, (1992) estaria na gênese da maioria das patologias geradas por 'famílias patogênicas'.

Análise geral dos resultados encontrados nos instrumentos aplicados aos pais:

Na análise dos dois instrumentos aplicados, os resultados levam à confirmação da hipótese que existem diferenças estatisticamente significativas entre o nível de conflito conjugal em famílias de usuários de drogas e o nível de conflito conjugal em famílias de não-usuários de drogas.

O primeiro instrumento, Folha de Análise de Conflitos, avalia 17 dimensões do relacionamento conjugal sob a perspectiva do gerenciamento familiar, enquanto que o segundo instrumento, Family Assessment Measure III – Escala de Relacionamentos Diádicos, avalia 7 dimensões do relacionamento conjugal (distribuído nas 42 questões) sob a perspectiva do relacionamento interpessoal.

Constata-se que nestas 24 dimensões os casais nas famílias de usuários de drogas têm mais divergências que os casais em famílias de não-usuários de drogas, indicando que as divergências conjugais, ou seja, o nível de conflito entre o casal pode estar associado ao uso de drogas pelos filhos adolescentes.

Os temas que mais se destacaram nos instrumentos foram os pertinentes ao procedimento para a educar os filhos, na dimensão de gerenciamento familiar e à comunicação, na dimensão do relacionamento interpessoal.

No procedimento para a educação dos filhos as mães de usuários de drogas queixam-se da pouca participação dos cônjuges no processo, deixando a elas toda a responsabilidade pelo processo educacional, o que incluiria a determinação dos limites, a transmissão de bons costumes e condutas adequadas, a ideologia da família e os valores religiosos. Desta forma elas sentem-se sobrecarregadas, aumentando o stress e por conseguinte o nível de conflitos, entrando num círculo vicioso. Na questão da comunicação, maridos e esposas, em famílias de usuários, afirmam não se sentirem compreendidos pelos respectivos cônjuges, bem como a pouca disponibilidade do outro para diálogos, gerando conseqüente desconfiança da

integridade do que é comunicado pelo outro e, ao se ter um entendimento apenas parcial da comunicação do outro, fecha-se um círculo vicioso, ou seja, o não se sentir compreendido gera menor disposição para o diálogo; o evitar o diálogo gera desconfiança do outro e a desconfiança produz um filtro emocional que limita a compreensão da comunicação do cônjuge.

Conclui-se que, tanto nas questões de gerenciamento familiar quanto nas questões de relacionamento interpessoal, os casais, nas famílias de usuários de drogas, têm maior discordância que casais em famílias de não-usuários de drogas, sendo que nos temas que se destacam há uma tendência a um círculo vicioso que alimenta e reforça o conflito.

Avaliação da Percepção dos Adolescentes sobre o Nível de Conflito entre seus pais

Esta seção apresenta e discute os resultados encontrados na aplicação da Folha de Análise de Conflitos aos adolescentes usuários e adolescentes não-usuários de drogas, ao final há um resumo da análise efetuada.

Análise:

Para o teste da hipótese foram utilizados os testes não paramétricos “Comparação entre duas proporções” (através do software ‘Primer of Biostatistics’) e “Qui-quadrado” (pelo Epi-Info). O nível de significância estatística adotado foi de 5% (0,05).

Tabela 5

Comparação entre os percentuais totais das respostas de adolescentes usuários e adolescentes não-usuários de drogas na Folha de Análise de Conflitos (Adolescentes)

ANÁLISE DE CONFLITOS		USUÁRIOS n=21	NÃO-USUÁRIOS n=25
		%	%
RC	Respostas concordantes	77	81
RD	Respostas discordantes	23	19
TOTAL		100,0	100,0

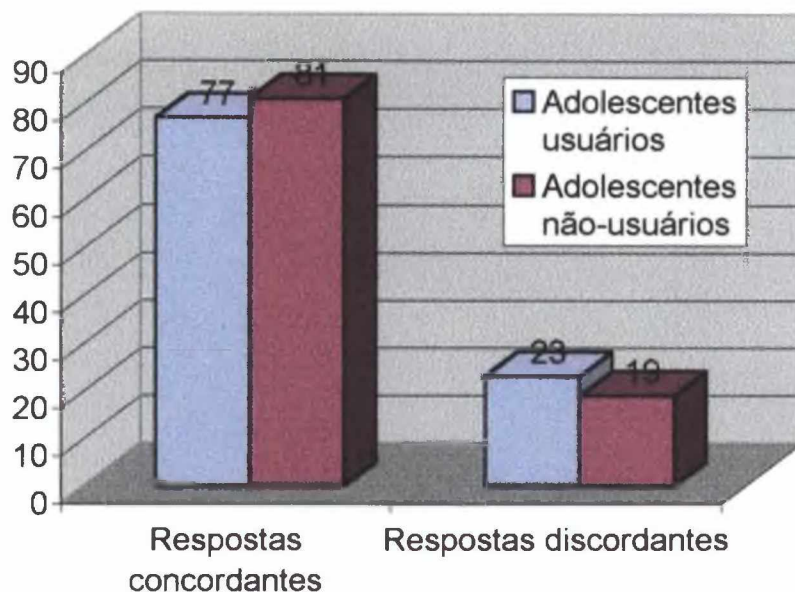
Usuários → $z=12,911$ e $p<0,0001$. Não-usuários → $z=17,832$ e $p<0,0001$.

χ^2 (qui-quadrado) = 4,27 e $p = 0,2339$

A figura 4 ilustra estes resultados.

Figura 4

Comparativo entre as respostas de adolescentes usuários e adolescentes não-usuários de drogas na Folha de Análise de Conflitos (adolescentes)



FONTE: Tabela 5

Na análise comparativa entre os adolescentes usuários de drogas com os adolescentes não-usuários, em relação à Folha de Análise de Conflitos (Tabela 5 e Figura 3), foram constatadas que não existem significâncias estatísticas entre os resultados apresentados pelos dois grupos. . Adolescentes usuários apresentaram resultados de $z=12,911$ e $p<0,0001$, enquanto que adolescentes não-usuários apresentaram resultados de $z=17,832$ e $p<0,001$, sendo o qui-quadrado igual a 4,27 e $p=0,2339$.

Estes resultados não apóiam a hipótese que existem diferenças estatisticamente significativas na percepção de adolescentes usuários de drogas sobre o nível de conflito entre seus pais e a percepção de adolescentes não-usuários de drogas sobre o nível de conflito entre seus pais.

A análise comparativa entre o grupo de adolescentes usuários e adolescentes não-usuários de drogas das respostas dadas a cada questão do instrumento é apresentada na Tabela 6 e Figura 5.

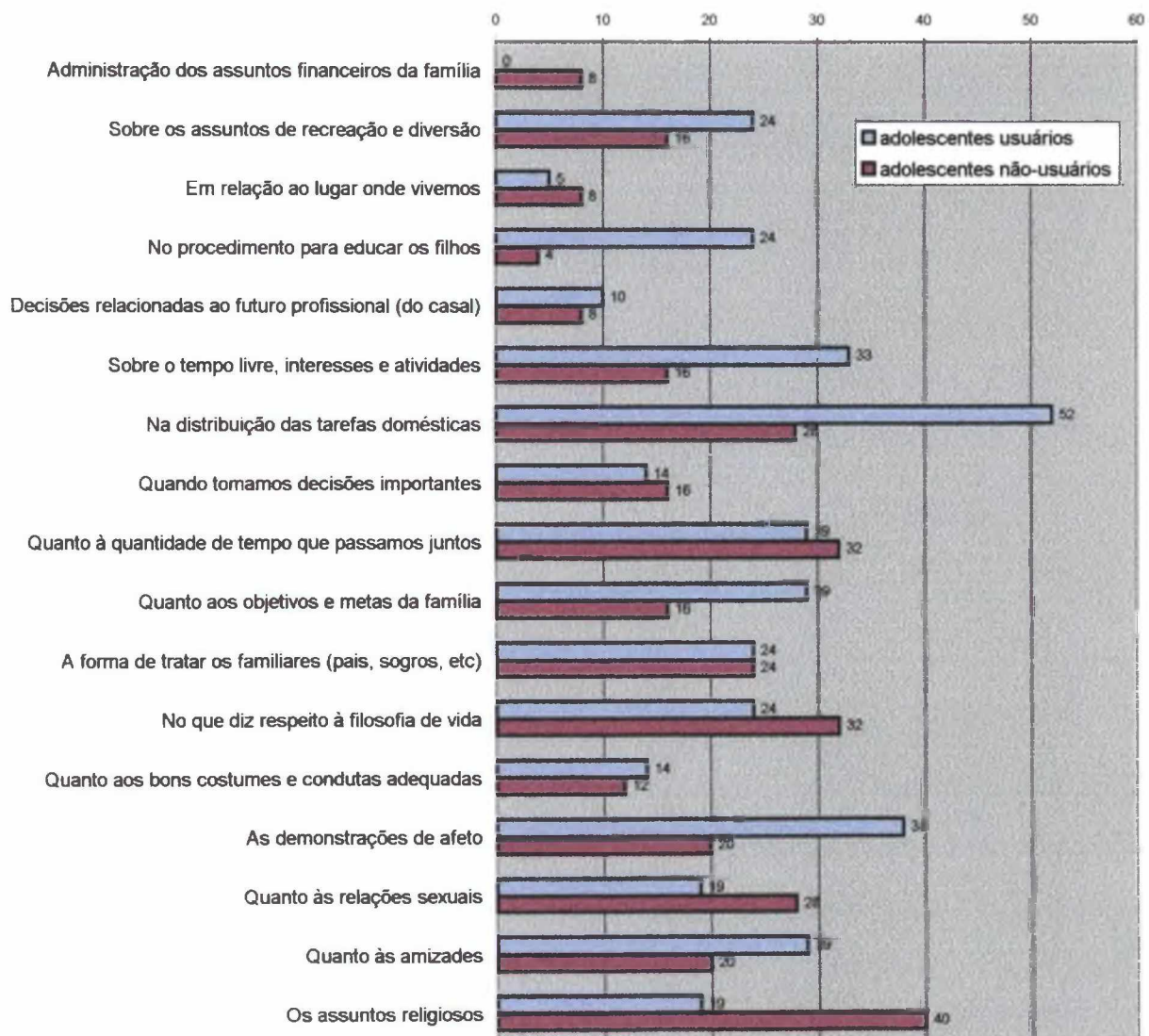
Tabela 6

Comparação entre os percentuais de cada item das respostas de adolescentes usuários e adolescentes não usuários de drogas na Folha de Análise de Conflitos (Adolescentes).

TEMAS	USUÁRIOS n=21		NÃO USUÁRIOS n=25	
	%RC	%RD	%RC	%RD
1 Administração dos assuntos financeiros da família	100	0	92	8
2 Sobre os assuntos de recreação e diversão	76	24	84	16
3 Em relação ao lugar onde vivemos	95	5	92	8
4 No procedimento para educar os filhos	77	24	96	4
5 Decisões relacionadas ao futuro profissional (do casal)	90	10	92	8
6 Sobre o tempo livre, interesses e atividades	67	33	84	16
7 Na distribuição das tarefas domésticas	48	52	72	28
8 Quando tomamos decisões importantes	86	14	84	16
9 Quanto à quantidade de tempo que passamos juntos	71	29	68	32
10 Quanto aos objetivos e metas da família	71	29	84	16
11 A forma de tratar os familiares (pais, sogros, etc)	76	24	76	24
12 No que diz respeito à filosofia de vida	76	24	68	32
13 Quanto aos bons costumes e condutas adequadas	86	14	88	12
14 As demonstrações de afeto	62	38	80	20
15 Quanto às relações sexuais	81	19	72	28
16 Quanto às amizades	71	29	80	20
17 Os assuntos religiosos	81	19	60	40

Figura 5

Respostas discordantes de adolescentes usuários e adolescentes não usuários de drogas por tema na Folha de Análise de Conflitos (Adolescentes)



A seguir apresenta-se uma discussão dos resultados encontrados na análise de cada item do instrumento aplicado.

6.1 – Administração dos assuntos financeiros da família

Conforme observado na figura 5, os adolescentes usuários de drogas, não assinalaram nenhum nível de discordância para este tema, enquanto adolescentes não-usuários apontaram 8% de discordância o item.

Estas respostas indicam que tais temas, relativos à estrutura material da família e aos ingressos financeiros gerados pelas atividades exercidas são temas, na percepção dos filhos, pouco conflitantes entre o casal. Observa-se que, enquanto os adolescentes não-usuários de drogas assinalaram respostas similares às respostas de seus pais, os adolescentes usuários de drogas assinalaram respostas diferentes, quando comparadas às respostas dos pais.

As respostas dos adolescentes, tanto usuários quanto não-usuários, sugerem uma coerência à classe social à qual foi direcionada a pesquisa. Em geral são famílias que já atingiram uma certa infra-estrutura material e onde os pais já estão definidos profissionalmente, havendo pouco motivo para discordância entre o casal sobre estes temas.

6.2 - Sobre os assuntos de recreação e diversão

Adolescentes usuários de drogas percebem um desacordo maior entre seus pais no que tange aos assuntos de recreação e diversão que os adolescentes não-usuários – figura 5.

Estas respostas sugerem que os filhos, em famílias de usuários de drogas, percebem que seus pais não desfrutam de um lazer comum e desenvolvem atividades isoladas. Nas entrevistas constatou-se que esta percepção do filho adolescente pode estar associada a um sentimento de insegurança quanto à fidelidade e o compromisso entre os pais. Como citado por um adolescente usuário de drogas: *“Ela (a mãe) sai todas as tardes para passear, enquanto as meninas (irmãs) estão na escola... ela diz que vai na casa das amigas, mas eu não sei... desconfio que ela possa estar fazendo outras coisas...”*.

Cardim et al (1989) afirmam que a ansiedade provocada pela iminente separação dos pais é uma das motivações que levariam os adolescentes ao uso de drogas.

6.3 - Em relação ao lugar onde vivemos

Através da figura 5 constatamos que adolescentes usuários e não-usuários apresentaram respostas muito similares a este item, revelando que, na percepção dos adolescentes seus pais estão satisfeitos em relação ao lugar em que vivem, o que concorda com o anotado pelos pais em suas respostas.

Como a pesquisa foi direcionada a famílias de classe média, tais respostas podem ser o reflexo do status material que tais famílias alcançaram, em geral possuindo sua casa própria e, por conseguinte manifestando pouca discordância sobre o tema.

6.4 - No procedimento para educar os filhos

O item sobre “procedimento de educar os filhos”, destaca-se por haver um percentual baixo de discordância na percepção dos filhos de não-usuários (4%), enquanto na percepção dos filhos usuários de drogas o tema é percebido com um nível alto de discordância (24%), aproximando-se, em ambos os grupos, dos percentuais apresentados pelos pais.

Isso sugere que em famílias de usuários de drogas, muitos pais sentem-se confusos em relação ao grau de liberdade que devem dar aos filhos para o exercício de sua individualidade, especialmente porque tal exercício é geralmente vivido com um estilo de vida muito distinto do idealizado pelos pais. Quando os adolescentes percebem que seus pais estão de acordo com os procedimentos educacionais que passam para os filhos, sentem-se seguros e este é um fator estruturador e apontado como preventivo do uso de drogas.

Liberdade de ação e constância proporcionam às crianças experiências de sucesso e orientação positiva. Além de protegê-las de, quando jovens ou adultas, procurarem satisfação em substitutos como, por exemplo, as drogas (Deutschen Behindertenhilfe Aktion Sorgenkind, 1996, p.29).

6.5 - Decisões relacionadas ao futuro profissional (do casal)

Na percepção dos adolescentes usuários de drogas o nível de discordância entre seus pais neste tema é de 10%, enquanto entre adolescentes não-usuários o nível de discordância percebido na relação dos pais é equivalente a 8%, ou seja, há pouca diferença percentual na percepção entre estes dois grupos para o tema. As respostas dos pais de não-usuários aproximam-se da percepção evidenciada nas respostas dos filhos, todavia as respostas dos pais de usuários evidenciam quase o dobro de discordância do que é percebido pelos filhos.

Essas respostas, quando comparadas com as respostas dadas pelos pais, sugerem que os adolescentes usuários de drogas não percebem os conflitos gerados pela insatisfação, especialmente da mãe, sobre seu papel como profissional, o qual muitas vezes restringe-se aos afazeres domésticos ou ao trabalho junto com o esposo.

Nas famílias de não-usuários, o que se observa na percepção dos filhos vem de acordo aos estudos sobre as etapas do ciclo vital (Carter e McGoldrick, 1995). Nesta etapa do ciclo vital da família em geral o casal já tem definido suas atividades profissionais e, como decorrência disto o planejamento quanto ao futuro profissional, o que é percebido pelos filhos como um tema de pouco desacordo entre os pais.

6.6 - Sobre o tempo livre, interesses e atividades

Este foi outro tema que na percepção dos adolescentes usuários de drogas existe um nível alto de desacordo entre os pais (33%) quando comparado com a percepção dos adolescentes não-usuários (16%) – figura 5.

O que se constatou nas entrevistas é que tal discordância é em virtude da postura do pai em relação à esposa e à família como um todo, pois em geral o pai procura, nos seus momentos de folga, atividades de interesse pessoal, com os amigos, em detrimento de um tempo com a esposa ou a família, o que gera constantes tensões no relacionamento. Como citado por uma esposa: *“Na sexta-feira ele (o marido) sai do trabalho e vai para o clube*

fazer sauna e beber cerveja com os amigos, no sábado à tarde vai jogar futebol e volta cansado e no domingo fica só na frente daquela televisão... realmente não temos muitas atividades em família”.

6.7 - Na distribuição das tarefas domésticas

A figura 5 revela que no tema relativo à distribuição das tarefas domésticas, os adolescentes usuários de drogas vêm no mesmo o ponto crítico de conflito entre o casal (52% de desacordo), da mesma forma que seus pais. Essa percepção é um forte indicativo de um processo de aculturação (Maldonado, 1998), onde as tarefas domésticas são relegadas à esposa e aos filhos, com pouca participação do marido, gerando descontentamento por parte dos primeiros e constante fonte de conflitos.

As respostas dadas pelos adolescentes usuários revelam que, de forma geral eles sentem que há injustiças na distribuição das tarefas domésticas com os pais privilegiados (“porque trabalham fora”), sendo esta percepção coerente com o que se observou nas entrevistas, ou seja, que os pais (homens) são poucos participativos das atividades domésticas, eximindo-se das mesmas por ‘estarem trabalhando o dia todo fora’.

6.8 - Quando tomamos decisões importantes

Observa-se neste tema que há pouca diferença na percepção de adolescentes usuários e não-usuários de drogas. Adolescentes usuários de drogas assinalaram um nível de discordância de 14%, enquanto entre adolescentes não-usuários o nível de discordância sobre o tema foi de 16%.

De uma forma geral os adolescentes usuários e não-usuários de drogas afirmam que em suas famílias, quando se tomam decisões importantes há conflitos no processo, e afirmam que se poderia gastar mais tempo discutindo sobre as mesmas.

No exercício de seu papel social na cultura latino-americana, muitos maridos confundem liderança com ditadura e ao invés de levar o grupo familiar à participação nas

decisões, impõe suas soluções pela força ou pela persuasão da argumentação (Maldonado 1998). Nas palavras de um pai entrevistado: *“A responsabilidade final pela família não é minha? Então eu acho que devo ter a última palavra...”*.

6.9 - Quanto à quantidade de tempo que passamos juntos

Em relação à quantidade de tempo que os pais passam juntos, os adolescentes não-usuários são os que parecem mais se ressentir deste aspecto (32% de discordância), embora os adolescentes usuários também vejam no tema uma fonte de desacordo entre os pais (29% de desacordo). Nesta fase em que os adolescentes experimentam mais espaço e liberdade de ação, muitos pais confundem isto com distanciamento e pouco convívio, diminuindo em muito as atividades da família como um todo. Igualmente, nesta etapa do ciclo vital muitos casais têm desenvolvido atividades e interesses pessoais que não incluem o outro, gerando certas tensões internas no relacionamento.

6.10 - Quanto aos objetivos e metas da família

Outro tema avaliado pelos adolescentes usuários de drogas, como sendo de alto nível de desacordo entre os pais (29%) foi quanto aos objetivos e metas da família. De alguma forma este tema parece estar vinculado com o tema da filosofia de vida, que surgiu nas respostas dos filhos como igualmente conflitante (24% de desacordo). Estas respostas vêm de encontro às respostas dadas por seus pais, que assinalaram níveis de discordância muito próximos.

Nas entrevistas o que surgiu foi que em geral os pais, nas famílias de usuários, desenvolvem uma filosofia de vida marcada pela ideologia capitalista, com forte apego aos bens materiais, sucesso profissional e um constante esforço para gerar recursos financeiros para a família ter “conforto”. Nas palavras de um pai de usuário: *“Na minha profissão (pediatra) a gente tem que trabalhar muito para pouco retorno... por isso procurei fazer um*

investimento em outra área e abri uma pequena indústria... acho que me equivoquei... ocupei todo meu tempo com as duas atividades e acabei dando pouco tempo para a família...”.

Adolescentes não-usuários avaliaram este item com quase metade do percentual avaliado pelos adolescentes usuários, todavia com percentuais mais altos que os assinalados por seus próprios pais. Isto pode ocorrer pelo fato dos adolescentes estarem em uma etapa de questionamento de valores e eles próprios discordarem dos valores adotados pelos pais para a família, sendo as respostas um reflexo menos da discordância que ele percebe entre os pais e mais um reflexo da discordância entre ele e os pais quanto aos objetivos da família.

6.11 – A forma de tratar os familiares (pais, sogros, etc.)

A “forma de tratar os familiares” é também um tema de pouco acordo entre o casal segundo a percepção dos filhos, tanto de usuários como de não-usuários de drogas, sendo em ambos o mesmo nível de desacordo (24%), conforme se observa na figura 5.

Parece que neste caso se evidencia a percepção dos conflitos conjugais em torno do tema relacionamento com a família extensa, ou, mais especificamente, o relacionamento com a mãe do cônjuge (sogra). Em um sistema cultural que valoriza a relação mãe/filhos, o desapegar-se totalmente deste vínculo para seguir adiante de forma autônoma é muitas vezes difícil, tanto para filhos homens como para filhas mulheres. Isso se soma ao fato de que muitas mulheres (sogra) procuram no vínculo com os filhos/filhas uma realização que não conseguem no relacionamento com os esposos (sogros). Desta forma o casal permite, muitas vezes, que suas mães (sogra) interfiram no processo familiar, gerando conflitos no relacionamento conjugal.

6.12 - No que diz respeito à filosofia de vida

Na percepção dos adolescentes não-usuários, o tema quanto à “filosofia de vida” também recebeu um alto índice de discordância nas respostas (32%). Entretanto o conflito

parece não ser tanto em relação a uma ideologia voltada para o material, mas sim as disputas entre os pais por ideologias no campo religioso. Isso concorda com o nível de desacordo que foi assinalado para o tema dos “assuntos religiosos” (40%), o qual na opinião dos adolescentes não-usuários de drogas, é o tema mais conflitante na relação dos pais.

Tal percepção por parte dos adolescentes (tanto usuários como não-usuários) pode ser devida ao momento natural do ciclo vital em que se encontram, pois no seu processo de individuação, necessitam questionar os valores familiares para afirmar os próprios. Conforme Preto (1989), *“enquanto tentam estabelecer a auto-identidade, os adolescentes muitas vezes discordam dos pais em relação a idéias, crenças e valores”*. (Preto apud Carter e McGoldrick, 1995, p.228).

Quando a filosofia, os objetivos e as metas da família estão voltadas às ideologias mais materialistas, próprias do mundo globalizado, pode, muitas vezes, entrar em choque com as ideologias menos materialistas dos filhos adolescentes.

6.13 - Quanto aos bons costumes e condutas adequadas

O tema relativo aos bons costumes e condutas adequadas recebeu, por parte dos adolescentes usuários e por parte dos adolescentes não-usuários, níveis de discordância próximos (14% para usuários e 12% para não-usuários) – figura 5. Os pais de adolescentes usuários assinalaram o mesmo nível de discordância dos filhos, enquanto pais de não-usuários assinalaram níveis de discordância inferiores aos assinalados pelos filhos (vide figura 2).

O que surgiu nas entrevistas foi que este tema está diretamente ligado ao procedimento para educar os filhos. Em ambos os casos são as mães que se ocupam primordialmente em passar aos filhos as regras de bons costumes. Embora os pais revelem-se ausentes do processo educacional como um todo, o fato dele deixar a transmissão de condutas

e comportamentos adequados para a mãe, resulta em menor índice de conflitos na relação conjugal para este tema, segundo a percepção dos filhos usuários de drogas.

Já os filhos não-usuários vêm nesta tarefa materna uma fonte de conflitos, possivelmente por conviverem mais com a mãe, embora também percebam que o pai não é totalmente ausente do processo educacional. Isso pode ser confirmado na afirmação de um adolescente: *“A mãe é que fica ‘enchendo o saco’ todo dia, dizendo o que devo ou não devo fazer, o pai só se mete quando me envolvo em alguma encrenca séria”*.

6.14 - As demonstrações de afeto

Para este tema, adolescentes usuários de drogas assinalaram quase o dobro nível de discordância (38%) que adolescentes não-usuários (20%). Estas diferenças estão consoantes às diferenças encontradas entre os pais de ambos os grupos.

Autores como Schipani (1985) e Drescher (1983) são uníssonos em afirmar que um dos principais fatores responsáveis pela estruturação da personalidade dos filhos é a percepção destes do afeto entre seus pais, pois isto lhe gera segurança de que a família seguirá adiante e tranquilidade para um desenvolvimento saudável de suas potencialidades. Desta forma, em famílias de usuários de drogas, o nível bem maior de conflito nas manifestações afetivas, quando comparado com famílias de não-usuários pode ser indicativo de que nestas famílias o afeto entre os pais é expresso e percebido pelos demais de forma muito pobre ou até de forma hostil, gerando insegurança sobre a continuidade da família, fatores estes apontados por Cardim et al (1989), como associados à motivação que levariam os adolescentes ao uso de drogas.

6.15 - Quanto às relações sexuais

Os adolescentes não-usuários percebem mais conflitos (28% de discordância) que os adolescentes usuários (19% de discordância) no que diz respeito à conduta sexual dos pais, e

também percebem mais conflitos que os próprios pais (pai 12%; mãe 4%). Os adolescentes usuários percebem menos conflitos que seus pais em relação à conduta sexual destes.

Esta crítica ao relacionamento sexual entre os pais por parte dos adolescentes não-usuários pode estar relacionada com os limites que os pais impõem aos filhos no exercício de sua sexualidade e que são contrários aos impulsos orgânicos que os adolescentes estão sentindo. Também pode estar relacionada com a pouca liberdade que ainda existe no contexto social de uma expressão mais aberta e espontânea dos casais sobre sua sexualidade diante dos filhos. O zelo pelos valores morais por parte dos pais, apontado como algo positivo na prevenção do uso de drogas (Barcelos, 2000), neste tema em específico, parece funcionar com efeito contrário, sofrendo uma reação crítica pelo adolescente.

Uma possibilidade de interpretar a avaliação feita pelos adolescentes usuários seja a ausência de um diálogo entre os pais sobre o tema. Uma vez que não se conversa sobre o assunto, o adolescente pode vir a ter uma falsa percepção que há harmonia entre o casal sobre o mesmo, o que é contradito nas respostas dos próprios pais sobre este item.

6.16 - Quanto às amizades

A figura 5 revela que, na percepção dos adolescentes usuários de drogas o nível de discordância entre seus pais neste tema é de 29%, enquanto entre adolescentes não-usuários o nível de discordância percebido na relação dos pais é de 20%.

Estas respostas vêm de encontro aos achados nas respostas relativas aos assuntos de recreação e diversão. Casais que tem formas distintas de diversão, também vão buscar amizades com pessoas e grupos distintos dos amigos e grupos da escolha do cônjuge, sendo este um fator gerador de conflitos na relação conjugal.

6.17 - Os assuntos religiosos

Neste tema os adolescentes não-usuários apontaram 40% de discordância, ou seja, mais que o dobro de discordância das respostas dos adolescentes usuários – figura 5.

Uma possível explicação para este nível de desacordo assinalado pelos adolescentes não-usuários é que a população do grupo controle foi, em sua maioria, de alunos de um colégio confessional (luterano), onde um grande número de alunos é filho de casamentos chamados ‘mistos’ (do ponto de vista religioso), ou seja, com mães luteranas e pais católicos ou vice-versa, o que pode ser fator gerador de conflito entre o casal. Esses conflitos emergem porque os pais, nestas famílias, estão mais presentes no processo educacional dos filhos e não aceitam a imposição das mães de suas opções religiosas aos filhos.

Nas famílias de usuários, com a ausência do pai no processo educativo dos filhos, esta imposição é menos questionada e, por conseguinte, menos conflitiva entre o casal. As respostas dos pais de ambos os grupos reforçam estas interpretações.

Resumo:

Na análise efetuada observa-se que, de uma forma geral, adolescentes usuários e não-usuários percebem o nível de conflito entre seus pais de forma muito semelhante, não havendo significância estatística no total das respostas, sendo que os adolescentes usuários percebem menos conflitos que seus pais e os adolescentes não-usuários percebem mais conflitos que seus pais na relação conjugal.

Estas diferenças entre as respostas de adolescentes usuários e as respostas de seus pais podem refletir uma dificuldade dos adolescentes em perceberem os conflitos entre os pais ou ainda alguma forma de encobrir a existência dos mesmos.

Uma possibilidade desta diferença pode estar no fato que alguns questionários foram enviados aos adolescentes usuários de drogas pelo correio e então os adolescentes não tenham lido devidamente as instruções de preenchimento e avaliado, ao invés da sua

percepção da relação conjugal de seus pais, a relação entre seus pais e ele próprio (adolescente) no que concerne a cada tema.

Outro dado a ser considerado é que os adolescentes responderam somente o questionário com os temas pertinentes ao gerenciamento familiar e não responderam um questionário específico sobre o relacionamento interpessoal entre seus pais. Desta forma poderíamos afirmar que adolescentes usuários e não-usuários não vêm diferenças significativas no estilo de gerenciamento familiar por parte de seus pais, todavia não se pode afirmar que não haja uma percepção da presença de conflitos interpessoais, os quais seriam mais ameaçadores à estabilidade que as diferenças no gerenciamento da mesma.

Confirma-se esta idéia observando-se o fato que a diferença na percepção dos adolescentes usuários com o obtido no questionário aplicado aos pais, foi levantada nas entrevistas, onde em contatos pessoais e com perguntas mais específicas sobre o relacionamento interpessoal dos pais, os adolescentes apresentaram uma postura sempre de proteção aos pais, evitando falar dos temas de maior desacordo entre os pais quando os mesmos tratavam de relações mais pessoais e menos gerenciais.

Esta última explicação viria de encontro aos achados de Lehen (1996), que afirma que o sintoma (uso de drogas) cumpre a função de manter encobertas todas as dificuldades familiares, reforçando a dependência do filho à família. E também confirma a proposição de Bergman (1996) que afirma que:

- 1) *Todos os sintomas nas crianças estabilizam casamentos instáveis, e se um sintoma "pequeno" não consegue estabilizar um casamento, então é necessário um sintoma "maior".*
- 2) *Quanto maior a magnitude de um conflito conjugal, maior será a magnitude do sintoma.*
- 3) *Quanto mais encoberto ou escondido o conflito conjugal, mais necessário será o sintoma para estabilizar o conflito conjugal para que ele possa permanecer escondido ou encoberto. (Bergman, 1996, p.8).*

Em suma, não existem diferenças estatisticamente significativas entre a percepção de adolescentes usuários de drogas sobre o nível de conflito entre seus pais e a percepção de adolescentes não-usuários de drogas sobre o nível de conflito entre seus pais, não confirmando a hipótese levantada no estudo. Os temas de maior desacordo entre seus pais na percepção de adolescentes usuários comparados com a percepção de adolescentes não-usuários são os relativos às tarefas domésticas e ao procedimento de educar os filhos. Ambos os temas estão ligados a pouca participação do pai no processo familiar. Os temas explorados no questionário são pertinentes ao gerenciamento familiar. A percepção dos temas de relação interpessoal dos pais pelos filhos adolescentes não foi explorada por um questionário, apenas nas entrevistas, revelando que há um esforço dos adolescentes por não abordar tais temas, sugerindo uma maneira de mantê-los encobertos.

CAPÍTULO V

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Este capítulo apresenta as conclusões do estudo e algumas recomendações finais.

Conclusões

Após a análise dos resultados dos instrumentos Folha de Análise de Conflitos e Family Assesment Measure – Escala de Relacionamentos Diádicos, aplicados a pais de adolescentes usuários e não-usuários de drogas de classe média, constatou-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre o nível de conflito conjugal em famílias de usuários e o nível de conflito conjugal em famílias de não-usuários de drogas, confirmando a hipótese do estudo.

Na avaliação do nível de conflito entre os pais dos adolescentes constatou-se, tanto no instrumento Folha de Análise de Conflitos quanto no instrumento Family Assessment Measure III – Escala de Relacionamentos Diádicos que o nível de discordância entre pais de usuários de drogas é maior que o nível de discordância entre pais de não-usuários de drogas.

O primeiro instrumento trata de questões principalmente ligadas ao gerenciamento familiar, sendo que neste caso os temas de maior disparidade entre pais de usuários e pais de não-usuários de drogas foram os pertinentes ao procedimento para educar os filhos (com os pais de usuários apresentando 29% de discordância e as mães apresentando 43% de discordância, enquanto que pais de não-usuários apresentaram 4% de discordância e as mães de não-usuários não apresentaram nenhuma discordância -100% de concordância) e a

distribuição de tarefas domésticas.

O segundo instrumento trata de questões principalmente ligadas ao relacionamento interpessoal dos cônjuges, sendo que neste caso o tema de maior disparidade entre pais de usuários e pais de não-usuários de drogas foi o pertinente à comunicação (com os pais de usuários apresentando 40% de discordância e as mães apresentando 48% de discordância, enquanto que pais de não-usuários apresentaram 12% de discordância e as mães de não-usuários apresentaram 25% de discordância).

Os resultados sugerem que os pais de usuários têm pouca participação no processo da casa e na educação dos filhos, o que pode ser fruto de um processo de aculturação. Os dados da literatura apontam para o aspecto dos fenômenos de aculturação como presentes na caracterologia das famílias de usuários de drogas. De igual forma os resultados apontam para uma comunicação disfuncional entre o casal, fenômeno apontado na literatura como um dos principais geradores de patologias no seio da família.

Os resultados sugerem que existe uma relação entre o nível de conflito entre os pais e o uso de drogas pelos filhos adolescentes, ou seja, a relação conjugal em famílias de usuários de drogas é mais conflitiva que nas famílias de não-usuários de drogas.

Após a análise dos resultados do instrumento Folha de Análise de Conflitos, aplicados a adolescentes usuários e não-usuários de drogas provenientes de famílias de classe média brasileiras, constatou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas na percepção de adolescentes usuários de drogas sobre o nível de conflito entre seus pais e a percepção de adolescentes não-usuários de drogas sobre o nível de conflito entre seus pais.

Os temas de maior desacordo entre seus pais na percepção de adolescentes usuários comparados com a percepção de adolescentes não-usuários são os relativos às tarefas domésticas e ao procedimento de educar os filhos. Esta percepção confirma os

achados no instrumento aplicado aos pais, todavia observa-se que, de uma forma geral, os adolescentes não-usuários são mais críticos que seus pais em relação ao nível de acordo existente entre o casal. Já nas famílias de usuários de drogas os filhos são bem menos críticos que os próprios pais em relação ao relacionamento conjugal destes, embora ainda observem mais desajustes na relação dos pais que os adolescentes não-usuários.

Os achados sugerem que os adolescentes usuários de drogas percebem as relações conjugais de seus pais com o mesmo nível de conflito que a percepção dos adolescentes não-usuários de drogas.

O instrumento aplicado aos adolescentes sobre a percepção do nível de conflito dos pais avalia apenas os temas pertinentes ao gerenciamento da família. Os dados obtidos nas entrevistas revelaram que os adolescentes evitam ou encobrem os temas conflitantes da relação dos pais. Estes achados estão de acordo com os dados da literatura que afirmam que o sintoma (uso de drogas) tem a função de manter encobertas as dificuldades familiares.

Desta forma os achados no presente trabalho apontam para a idéia que o uso de drogas pelo filho adolescente pode ser uma forma disfuncional de manter encobertos os conflitos entre seus pais.

Recomendações

Em virtude da presente pesquisa ter sido dirigida a uma classe social específica, sugere-se que uma pesquisa específica com outras classes sociais seja efetuada.

Sugere-se que em próximos estudos sejam feitos controles de variáveis como: sexo, idade dos pais, tempo de casamento, religião e diferenças entre adolescentes usuários de drogas que estejam institucionalizados e adolescentes não-institucionalizados.

A relação entre os fenômenos de aculturação e o uso de drogas pelos filhos adolescentes é igualmente um tema que mereceria uma investigação mais acurada.

Outro tema que mereceria um estudo específico é a questão da segurança transmitida na orientação dos pais como fator preventivo ao uso de drogas pelos filhos adolescentes.

Finalmente sugere-se a realização de um estudo que avalie a percepção dos adolescentes sobre os temas de relacionamento interpessoal de seus pais com um instrumento mais adequado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ADRADOS, J. L. R. (1995). The influence of family, school, and peers on adolescent drug misuse, *The International Journal of the Addictions*, 30 (11), 1407-1423.
- ANGEL, S. (1988). Drogadicción y familia, *Revista de Terapia Familiar*, 18, 17-23.
- ANDERSON, A. R. & HENRY, C. S. (1994). Family system characteristics and parental behaviors as predictors of adolescent substance use, *Adolescence*, 29, (114), 405-420.
- BARCELOS, C. (2000). Quero meu filho de volta, São Paulo, Editora Gente.
- BERGMAN, J. S. (1996). Pescando Barracudas, tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese, Porto Alegre, Artes Médicas, (trabalho original publicado em 1985).
- BRASILIANO, S. (1992). A importância da abordagem familiar nas dependências, *ABEAD – Boletim da Associação Brasileira de Estudos do Alcool e Outras Drogas*, 13, p. 7-8
- BRODY, G. H. & FOREHAND, R. (1993). Prospective associations among family form, family process and adolescents' alcohol and drug use, *Behavior Research and Therapy*, 31, (6), 587-593.
- BUEHLER, C., ANTHONY, C., KRISHNAKUMAR, A., STONE, G., GERARD, J. & PEMBERTON, S. (1997). Interparental conflict and youth problem behaviors: a meta-analysis, *Journal of Child and Family Studies*, 6, 233-247.
- BUEHLER, C., KRISHNAKUMAR, A., STONE, G., ANTHONY, C., PEMBERTON, S. & GERARD, J. (1998). Interparental conflict styles and youth problem behaviors: a two-sample replication study, *Journal of Marriage and the Family*, 60, 119-132.
- CARDIM, M. S., MORGADO, A. F. & AZEVEDO, B. A. (1989). Drogas: aspectos familiares e diagnósticos, *Revista da ABP-APAL*, 11, (2), 62-68.

- CARNEIRO, T. F. (1983). *Família, diagnóstico e terapia*, Rio de Janeiro, Zahar.
- CARTER, B. & MCGOLDRICK, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar*, tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese, Porto Alegre, Artes Médicas, 2º ed., (trabalho original publicado em 1989).
- CARVALHO, V., PINSKY, I., SILVA E SOUZA, R. & CARLINI-COTRIM, B., (1995). Drug and alcohol use and family characteristics: a study among Brazilian high-school students, *Addiction*, 90, 65-72.
- CATARINO, I. (1995). Patologia individual x patologia do sistema familiar, *XI Congresso Brasileiro de Alcoolismo e Outras Dependências (ABEAD) - Anais*, 100-100.
- CEBRID (1997), *Catálogo das publicações científicas brasileiras sobre o abuso de drogas psicotrópicas*, São Paulo, Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas.
- DAVIES, P. T. & CUMMINGS, E. M. (1994). Marital conflict and child adjustment: an emotional security hypothesis, *Psychological Bulletin*, 116, 387-411.
- DENTON, R. E. & KAMPFE, C. M. (1994). The relationship between family variables and adolescent substance abuse: a literature review, *Adolescence*, 29, (114), 475-494.
- DEUTSCHEN BEHINDERHILFE AKTION SOGERKIND. (1993). *Drogas: como evitar*, tradução de Dagmar Fuchs Grzybowski, Viçosa, Editora Ultimato, 1ª ed., 1996.
- DOLAN, D., PELLETIER, R. & REID, C. (1993). Adolescent runaways: familial and personal correlates, *Social Behavior and Personality*, 21(2), 163-168.
- DRESCHER, J. M. (1983). *As sete necessidades básicas dos filhos*, São Paulo, Editora Mundo Cristão.
- FARIA, V. M. G. (1995). Alcoolismo como doença da família, *XI Congresso Brasileiro de Alcoolismo e Outras Dependências (ABEAD) - Anais*, 101-101.
- FORMIGONI, M. L. O. S. & CASTEL, S. (1999). Escalas de avaliação de dependências de drogas: aspectos gerais, *Revista de Psiquiatria Clínica*, 26 (1), 5-31.

- GALDURÓZ, J. F., NOTO, A. R. & CARLINI, E. A. (1995). A adolescência, o ensino e o abuso de drogas: reflexões, *Temas - teoria e prática do psiquiatra*, 24, (49), 48-57.
- GAMEIRO, J. (1993), Família e Toxicomania, *Psicologia - Associação Portuguesa de Psicologia*, IX, (1), 33-39.
- GEBEROWICKZ, B. (1992). A terapia com famílias de toxicômanos: avaliação de uma experiência de 10 anos, *ABEAD – Boletim da Associação Brasileira de Estudos do Alcool e Outras Drogas*, 13, 2-6.
- GRZYBOWSKI, C. T. & KARAM JR., J. (1985). Recursos psicoterápicos no processo da recuperação. Trabalho apresentado no II Encontro Nacional de Casas de Recuperação de Dependentes Químicos, Curitiba, setembro de 1985.
- GRZYBOWSKI, C. T., MASSOLIN, L. & PLUMMER, A. L. (1987). O papel da religião na prevenção das drogas. Trabalho apresentado no Curso de Qualificação de Palestrantes na Prevenção ao Abuso de Drogas, Governo do Estado do Paraná, Secretaria do Estado da Justiça, Conselho Estadual de Entorpecentes, Curitiba, agosto de 1987.
- GRZYBOWSKI, C. T. (1988). La familia del farmacodependente. Trabalho apresentado no “Seminario Taller Internacional sobre Alcoholismo y Farmacodependencias”, Quito/Equador, outubro de 1988.
- GUALBERTO, C., RUPPERT, D. & PIZZOLANTE, H. (1996). Acompanhando a família, *Boletim da Unidade CERTA*, I, 1, 32-33.
- GUTIERRES, S. E., MOLOF, M. & UNGERLEIDER, S. (1994). Relationship of "risk" factors to teen substance use: a comparison of abstainers, infrequent users, and frequent users, *The International Journal of the Addictions*, 29 (12), 1559-1579.
- HOFFMANN, J. P. (1993). Exploring the direct and indirect family effects on adolescent drug use, *Journal of Drug Issues*, 23, (3), 535-557.
- HOFFMANN, J. P. (1994). Investigating the age effects of family structure on adolescent marijuana use, *Journal of Youth and Adolescence*, 23, (2), 215-235.
- HOFFMANN, J. P. (1995). The effects of family structure and family relations on adolescent marijuana use, *The International Journal of the Addictions*, 30, (10), 1207-1241.

- HOFFMAN, L. (1992) Fundamentos de la terapia familiar, tradução de Juan José Utrilla, México, Fondo de Cultura Económica, 2ª ed., (trabalho original publicado em 1981).
- HUMES, D. L. & HUMPHREY, L. (1994). A multimethod analysis of families with a polydrug-dependent or normal adolescent daughter, *Journal of Abnormal Psychology*, 103, (4), 676-685.
- JAFFE, J., PETERSON, R. & HODGSON, R. (1981). Tóxicos e outros vícios - problemas e soluções, tradução de Jamir Martins e Samuel Pfromm Netto, São Paulo, Editora Harper & Row do Brasil, (trabalho original publicado em 1981).
- KALINA, E & KOVADLOFF, S. (1983). Drogadição, Indivíduo, Família e Sociedade., 3ª ed., Francisco Alves, Rio de Janeiro.
- LEHEN, L. M. (1996). A toxicomania e a cadeia circular das interações familiares, *Psicologia - Ciência e Profissão*, 16, 18-24.
- LEVIN, J. (1987). Estatística aplicada às ciências humanas, tradução e adaptação de Sérgio Francisco Costa, São Paulo, Editora Harper e Row do Brasil, 2ª ed..
- LOPES, C. S. & RODRIGUES, L., (1995), Fatores de risco para abuso de drogas no Rio de Janeiro, *Epidemiologia, III Congresso Brasileiro, II Congresso Ibero-Americano, I Congresso Latino Americano, 1ª Mostra de Tecnologia em Epidemiologia (EPITEC) - Anais*, 293-293.
- MALDONADO, J. E. (1989). Programa de enriquecimento matrimonial – manual para coordenadores, Apostila, tradução Esly Regina de Carvalho, EIRENE do Brasil - Associação Brasileira de Assessoramento e Pastoral Familiar, Curitiba.
- MALDONADO, J. E. (1998). La familia en el mundo hoy, apostilla do Programa de entrenamiento y certificación de asesores familiares, curso 1, EIRENE Internacional - Asociación Latinoamericana de Asesoramiento y Pastoral Familiar, Bell Gardens, USA.
- MARTINS, F. & COSTA, P. F. (1987). Perfil do usuário de drogas atendido no CORDATO, *Ciência e Cultura*, 39 (7), 883-883.
- MENDES, R. A. D., COCHI, C., BERTAGNI, M., SOGABE, M. & JUKEMURA, R., (1989), As relações parentais de drogados e alcoólatras, *VIII Congresso Brasileiro de Alcoolismo – Anais*, pg.48.

- MONTEIRO, M. G. (1990). Bases genéticas do alcoolismo: visão geral, *Revista da Associação Médica Brasileira*, 36, (2), 78-82.
- MONTERA, A. (1979), Família de toxicômano, *Revista Paulista de Hospitais*, 27, (9), 294-295.
- NOGUEIRA, P. (1944). Por que bebe o indivíduo, *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, 13, 77-79.
- NURCO, D. N. & LERNER, M. (1996). Vulnerability to narcotic addiction: family structure and functioning, *Journal of Drug Issues*, 26 (4), 1007-1095.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, (1977), Necesidad de salud de los adolescentes. *Informe técnico n° 609*, Geneve.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE/ WORLD HEALTH ORGANIZATION, (1981), A methodology for student drug - use surveys. *WHO Offset Publication n° 50*, Geneve, 55 p.
- SAAD, A. C. & PAIVA, R. S. (1993). DSM-IV – Propostas para classificação dos transtornos relacionados ao uso de substância. Comparação com o DSM-III-R, *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 42, (4), 209-213.
- SCHIPANI, D. (1985). Nuestros Hijos y sus necesidades básicas, Aibonito, Puerto Rico, JELAM, Audiciones Menonitas.
- SCHNEIDER-HARPPRECHT, C. & STRECK, V. S. (1996). Imagens da família, São Leopoldo, Editora Sinodal.
- SCIVOLETTO, S., HENRIQUES JR, S.G. & FERREIRA, I. B. (1995). Adolescentes usuários de drogas/álcool que procuram tratamento: perfil de consumo e fatores preditivos de prognóstico - resultados iniciais, *XI Congresso Brasileiro de Alcoolismo e Outras Dependências (ABEAD) - Anais*, p. 107-107.
- SHEK, D. T. L. (1995). Marital quality and psychological well-being of married adults in Chinese context, *The Journal of Genetic Psychology*, 156 (1), 45-56.
- SILVA, E. A. & FORMIGONI, M. L. O. S. (1999). Avaliação do funcionamento familiar em farmacodependências, *Revista de Psiquiatria Clínica*, 26 (1), 38-40.

- SKINNER, E. R., & SLATER, M. D. (1995). Family communication patterns, rebelliousness, and adolescent reactions to anti-drugs PSAs, *Journal of drug education*, 25, (4), 343-355.
- SPANIER, G. B. (1976). Measuring dyadic adjustment: new scales for assessing the quality of marriage and similar dyads, *Journal of Marriage and the Family*, 38: 15-28.
- STOCKWELL, T. (1989). Dependência de álcool e drogas como um comportamento aprendido, *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 11, (3), 207-214.
- SUDBRACK, M. F. O. & COSTA, L. F. (1995). Terapia familiar construtivista e drogadição na adolescência: o tratamento da demanda no ambulatório do PRODEQUI, *XI Congresso Brasileiro de Alcoolismo e Outras Dependências (ABEAD) - Anais*, p. 105-105.
- SUDBRACK, M. F. O. & DONEDA, D. (1992). Terapia familiar e adolescência: a contribuição da abordagem sistêmica para a construção de uma estratégia de acolhimento a jovens toxicômanos, *Psicologia: teoria e pesquisa - Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília*, 8, 469-474.
- VAN SCHOOR, E. P. & BEACH, R. (1993). Pseudoindependence in adolescent drug abuse: a family systems perspective, *Family Therapy*, 20, (3), 191-201.
- VILAR, E. M. (1995). A transmissão do alcoolismo no contexto familiar, *XI Congresso Brasileiro de Alcoolismo e Outras Dependências (ABEAD) - Anais*, p. 106.
- WU, P. & KANDEL, D. B. (1995). The roles of Mothers and fathers in intergenerational behavioral transmission -the case of smoking and delinquency, in Howard B. Kaplan (ed.), *Drugs, Crime and Other Deviant Adaptations: longitudinal Studies*, 49-81, New York, Plenum Press.
- XAVIER DA SILVEIRA, D. (1988). Aspectos arquetípicos das toxicomanias, *Boletim de Psiquiatria de São Paulo*, 21, (1/2), 25-30.
- YARÍA, J. A. (1995). A existência tóxica, tradução José A. Ceschin, São Paulo, Edições Loyola, (trabalho original publicado em 1993).
- ZEMEL, M. L. S. (1980). A família do farmacodependente, *ARS CVRANDI - Revista da Terapêutica Médica*, 12, (11), 5-16.

ANEXOS

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO DE PRÉ-SELEÇÃO DE USUÁRIOS

Nº _____

Instruções:

As respostas dadas a este questionário serão mantidas sob anonimato e sigilo, sendo utilizada tão somente para levantamentos estatísticos. Portanto pedimos que as respostas sejam a absoluta expressão da verdade.

1. Como é composta sua família:
 Pai Mãe Número de irmãos: _____
 Outras pessoas que moram sob mesmo teto: _____

2. Já usou algum tipo de droga ilegal alguma vez?
 Sim Não

3. Situação sócio-econômica¹:
- | Escolaridade do chefe da casa | Pontos |
|---|--------|
| <input type="checkbox"/> analfabeto/primário incompleto | 0 |
| <input type="checkbox"/> primário completo/ ginásial incompleto | 1 |
| <input type="checkbox"/> ginásial completo/colegial incompleto | 3 |
| <input type="checkbox"/> colegial completo/superior incompleto | 5 |
| <input type="checkbox"/> superior completo | 10 |

obs: primário+ginásio = 1º grau // colegial = 2º grau // superior = 3º grau

Itens de conforto

Itens \ Quantidade	0	1	2	3	4	5	6 ou +
TV	0	2	4	6	8	10	12
Aparelho de som	0	1	2	3	4	5	6
Banheiro	0	2	4	6	8	10	12
Empregada fixa	0	6	12	18	24	24	24
Aspirador de pó	0	5	5	5	5	5	5
Máq. Lavar roupa	0	2	2	2	2	2	2
Automóvel	0	4	8	12	16	16	16

Pontos

¹ Extraído de LEVIN, Jack, (1987), Estatística aplicada às ciências humanas, tradução e adaptação de Sérgio Francisco Costa, São Paulo, Editora Harper e Row do Brasil, 2ª ed..

ANEXO 1b

CLASSIFICAÇÃO DE CLASSES SÓCIO-ECONÔMICAS NO BRASIL²

Escolaridade do chefe da casa	Pontos
() analfabeto/primário incompleto	0
() primário completo/ ginásial incompleto	1
() ginásial completo/colegial incompleto	3
() colegial completo/superior incompleto	5
() superior completo	10

obs: primário+ginásio = 1º grau // colegial = 2º grau // superior = 3º grau

Itens de conforto	Quantidade						
	0	1	2	3	4	5	6 ou +
TV	0	2	4	6	8	10	12
Aparelho de som	0	1	2	3	4	5	6
Banheiro	0	2	4	6	8	10	12
Empregada fixa	0	6	12	18	24	24	24
Aspirador de pó	0	5	5	5	5	5	5
Máq. Lavar roupa	0	2	2	2	2	2	2
Automóvel	0	4	8	12	16	16	16

Classe	Pontos
A	35 ou mais
B	21 a 34
C	10 a 20
D	5 a 9
E	0 a 4

² Extraído de: LEVIN, Jack, (1987), Estatística aplicada às ciências humanas, tradução e adaptação de Sérgio Francisco Costa, São Paulo, Editora Harper e Row do Brasil, 2ª ed..

ANEXO 2

ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE CONFLITOS CONJUGAIS (Para os pais)

Nº _____

1. Descrevam, em poucas palavras, como é o relacionamento com seu/sua filho(a)?

2. Vocês costumam ter atividades em conjunto como família? Qual a importância disto para você?

3. Quais dos itens abaixo você acha que estão presentes em sua casa a maior parte do tempo?

- tranqüilidade brincadeiras discussões em voz alta piadas
 ordens claras conversas interessantes harmonia brigas
 abraços, beijos, carinhos unidade no relacionamento do casal

4. Como é, em geral, o relacionamento com seu cônjuge?

5. Quando seu/sua filho(a) tem um comportamento que você desaprova, o que você faz?
Como seu cônjuge reage?

ANEXO 3

FOLHA DE ANÁLISE DE CONFLITOS (Para os pais)

Nº _____

Instruções:

As respostas dadas a este questionário e ao seguinte serão mantidas sob anonimato e sigilo, sendo utilizada tão somente para levantamentos estatísticos. Portanto pedimos que as respostas sejam a absoluta expressão da verdade.

Orientações:

Todos os casais experimentam conflitos e desavenças na sua relação. Os conflitos fazem parte da vida. O ideal na relação matrimonial não é viver sem conflitos, mas sim saber como utilizá-los adequadamente no crescimento a dois. Assinale na tabela abaixo, com (X) o grau aproximado de acordo ou desacordo entre você e o seu cônjuge em cada um dos temas.

Posição familiar: () Pai/Marido () Mãe/Esposa

SA = SEMPRE DE ACORDO QA = QUASE SEMPRE DE ACORDO
QD = QUASE SEMPRE EM DESACORDO SD = SEMPRE EM DESACORDO

	TEMAS	SA	QA	QD	SD
1	Administração dos assuntos financeiros da família				
2	Sobre os assuntos de recreação e diversão				
3	Em relação ao lugar onde vivemos				
4	No procedimento para educar os filhos				
5	Decisões relacionadas ao futuro profissional (do casal)				
6	Sobre o tempo livre, interesses e atividades				
7	Na distribuição das tarefas domésticas				
8	Quando tomamos decisões importantes				
9	Quanto à quantidade de tempo que passamos juntos				
10	Quanto aos objetivos e metas da família				
11	A forma de tratar os familiares (pais, sogros, etc)				
12	No que diz respeito à filosofia de vida				
13	Quanto aos bons costumes e condutas adequadas				
14	As demonstrações de afeto				
15	Quanto às relações sexuais				
16	Quanto às amizades				
17	Os assuntos religiosos				

ANEXO 4

FAM-III : ESCALA DE RELACIONAMENTOS DIÁDICOS

Nº _____

Posição familiar: () Pai/Marido () Mãe/Esposa

Orientações: nessa página e no verso, você encontrará 42 afirmativas sobre o relacionamento entre você e seu cônjuge. Leia cada uma delas cuidadosamente e decida o quanto cada afirmação descreve o seu relacionamento com seu cônjuge. Responda marcando um (X) somente em uma das respostas ("concordo muito", "concordo", "discordo", "discordo muito"). Marque uma resposta para cada afirmação, mesmo que você não tenha certeza de sua resposta.

CM – CONCORDO MUITO

D - DISCORDO

C – CONCORDO

DM – DISCORDO MUITO

Afirmativas	CM	C	D	DM
1. Eu e ele(a) sempre vemos os problemas da família da mesma forma.				
2. Ele(a) aceita o que eu espero dele(a) na família.				
3. Quando eu digo alguma coisa ele(a) sempre entende o que quero dizer.				
4. Ele(a) percebe quando eu não estou bem.				
5. Eu e ele(a) somos muito próximos um do outro.				
6. Ele(a) é ponderado quando eu cometo um erro.				
7. Eu e ele(a) temos a mesma opinião sobre o que é certo e o que é errado.				
8. Ele(a) sempre aceita minha solução para um problema.				
9. Ele(a) faz a sua parte das responsabilidades familiares.				
10. Ele(a) sempre entende meus pensamentos.				
11. Quando não estou bem, ele(a) geralmente sabe o porquê.				
12. Quando não estou bem, eu sei que ele(a) realmente se preocupa.				
13. Quando eu admito que estou errado(a), ele(a) sempre me perdoa.				
14. Eu e ele(a) sempre temos a mesma opinião sobre como passar nosso tempo livre.				
15. Quando eu tenho um problema ele(a) me ajuda				
16. Ele(a) está certo quando afirma que eu espero muito dele(a).				
17. Se ele(a) está bravo comigo, sempre me fala franca e abertamente.				
18. Ele(a) demonstra como se sente em relação a mim.				
19. Ele(a) continua me amando mesmo quando eu brigo com ele(a).				
20. Quando eu cometo um erro, ele(a) é sempre tolerante comigo.				
21. Ele(a) está completamente certo sobre a importância da religião.				
22. Quando há um problema entre nós, ele(a) encontra uma nova forma de resolvê-lo.				

23. Ele(a) é cuidadoso(a) quando usa as minhas coisas.				
24. Ele(a) está sempre disponível quando eu quero falar com ele(a).				
25. Quando ele(a) fica bravo comigo, procura logo resolver o assunto.				
26. Ele(a) sabe respeitar minha individualidade.				
27. Ele(a) dá uma chance para eu me explicar quando cometo um erro.				
28. Ele(a) está certo quanto à importância da educação.				
29. Quando há problemas entre nós, ele(a) é objetivo(a) e prático(a) na busca de soluções.				
30. Ele(a) está satisfeito com meu jeito de ser.				
31. Ele(a) ouve minha opinião mesmo quando pensa de forma distinta.				
32. Ele(a) busca meu consolo quando teve um dia ruim.				
33. Ele(a) realmente confia em mim.				
34. Ele(a) me dá espaço para me realizar como pessoa.				
35. Ele(a) é sempre coerente entre o que ele(a) espera de mim e como se comporta a esse respeito.				
36. Eu posso contar com a ajuda dele(a) em uma crise.				
37. Eu e ele(a) temos as mesmas opiniões sobre quem deveria fazer o que na nossa família.				
38. Eu sempre posso acreditar no que ele(a) diz.				
39. Ele(a) respeita minhas opiniões mesmo quando não está bem.				
40. Ele(a) é indiferente comigo.				
41. Ele(a) sempre faz a sua parte sem que eu precise lembrá-lo(a).				
42. Ele(a) está certo(a) sobre a importância de ser bem-sucedido(a).				

ANEXO 5

ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE CONFLITOS CONJUGAIS (Para os adolescentes)

Nº _____

1. Descreva, em poucas palavras, como é o seu relacionamento com seus pais?

2. Como você considera que é o relacionamento entre seus pais? Porque?

3. Vocês costumam ter atividades em conjunto como família? Qual a importância disto para você?

4. Quais dos itens abaixo você acha que estão presentes em sua casa a maior parte do tempo?

- tranquilidade brincadeiras discussões em voz alta piadas
 brigas ordens claras conversas interessantes harmonia
 abraços, beijos, carinhos unidade no relacionamento do casal

5. Quando você tem um comportamento que seus pais desaprovam, como eles reagem? (Como reage seu pai e como reage sua mãe?)

ANEXO 6

FOLHA DE ANÁLISE DE CONFLITOS (Para os adolescentes)

Nº _____

Instruções:

As respostas dadas a este questionário e ao seguinte serão mantidas sob anonimato e sigilo, sendo utilizada tão somente para levantamentos estatísticos. Portanto pedimos que as respostas sejam a absoluta expressão da verdade.

Orientações:

Todos os casais experimentam conflitos e desavenças na sua relação. Os conflitos fazem parte da vida. O ideal na relação matrimonial não é viver sem conflitos, mas sim saber como utilizá-los adequadamente no crescimento a dois.

Assinale na tabela abaixo, com (X) o grau aproximado de acordo ou desacordo entre seu pai e sua mãe em cada um dos temas.

SA = SEMPRE DE ACORDO QA = QUASE SEMPRE DE ACORDO
QD = QUASE SEMPRE EM DESACORDO SD = SEMPRE EM DESACORDO

	TEMAS	SA	QA	QD	SD
1	Administração dos assuntos financeiros da família				
2	Sobre os assuntos de recreação e diversão				
3	Em relação ao lugar onde vivemos				
4	No procedimento para educar os filhos				
5	Decisões relacionadas ao futuro profissional (do casal)				
6	Sobre o tempo livre, interesses e atividades				
7	Na distribuição das tarefas domésticas				
8	Quando tomamos decisões importantes				
9	Quanto à quantidade de tempo que passamos juntos				
10	Quanto aos objetivos e metas da família				
11	A forma de tratar os familiares (pais, sogros, etc)				
12	No que diz respeito à filosofia de vida				
13	Quanto aos bons costumes e condutas adequadas				
14	As demonstrações de afeto				
15	Quanto às relações sexuais				
16	Quanto às amizades				
17	Os assuntos religiosos				

ANEXO 7

CARTA À DIREÇÃO DO COLÉGIO MARTINUS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA DA ADOLESCÊNCIA

À
Direção do Colégio Martinus
A/c. Profa. Dorotéa
Nesta

Curitiba, 27 de março de 2000.

Prezados Senhores:

Na qualidade de mestrando do curso de psicologia da infância e da adolescência da UFPR, estou em fase final de minha tese que versa sobre o relacionamento familiar e o uso de drogas pelos adolescentes.

Nesta fase de coleta de dados, estou trabalhando com dois grupos, sendo um de usuários de drogas ilegais e outro grupo de controle de não usuários, com a aplicação de questionários e entrevistas em ambos os grupos.

A amostra do grupo de usuários estou obtendo junto às instituições de tratamento de dependentes químicos (hospitais psiquiátricos, casas de recuperação, etc.), e a amostra do grupo de não usuários estou levantando junto às instituições de ensino de classe média na cidade de Curitiba.

Como pai de ex-alunos e já tendo trabalhado com palestras para pais sobre o tema junto à vossa instituição, conheço a qualidade do trabalho educacional desenvolvido pelo Colégio Martinus, o qual visa não somente passar informações, mas também de formar o caráter de seus alunos, sendo, em virtude disto, muito procurado por famílias preocupadas em dar este sentido à educação de seus filhos. Em virtude disto, creio que poderia, entre as famílias de alunos, encontrar mais facilmente elementos para levantar a amostragem que em outras instituições de ensino quaisquer.

Minha solicitação então, é no sentido da permissão por parte da direção do Colégio para realizar a pesquisa junto às famílias de alunos do Colégio Martinus, fazendo uma escolha aleatória dentre o rol de alunos da instituição e aplicando um questionário de pré-seleção entre as famílias sorteadas para adequação da amostra.

Certos de vossa compreensão e apoio nos colocamos ao inteiro dispor para maiores esclarecimentos e aguardamos um retorno de vossa parte,

Atenciosamente,

Carlos Tadeu Grzybowski

ANEXO 8

CARTA CONVITE ÀS FAMÍLIAS VOLUNTÁRIAS DO COLÉGIO

Curitiba, 11 de julho de 2000.

Senhores pais:

Na qualidade de mestrando do curso de psicologia da infância e da adolescência da UFPR, estou em fase final de minha tese que versa sobre o relacionamento familiar e o uso de drogas pelos adolescentes.

Nesta fase de coleta de dados, estou trabalhando com dois grupos, sendo um de usuários de drogas ilícitas e outro grupo (de controle) de não usuários, com a aplicação de questionários e entrevistas em ambos os grupos.

A amostra do grupo de usuários estou obtendo junto às instituições de tratamento de dependentes químicos (hospitais psiquiátricos, casas de recuperação, etc.), e a amostra do grupo de não usuários estou levantando junto às instituições de ensino de classe média na cidade de Curitiba.

Como pai de ex-alunos e já tendo trabalhado com palestras para pais sobre o tema no próprio colégio, conheço a qualidade do trabalho educacional desenvolvido pelo Colégio Martinus, o qual visa não somente passar informações, mas também de formar o caráter de seus alunos, sendo, em virtude disto, muito procurado por famílias preocupadas em dar este sentido à educação de seus filhos. Em virtude disto, creio que poderia, entre as famílias de alunos, encontrar mais facilmente elementos para levantar a amostragem de não usuários que em outras instituições de ensino quaisquer.

Desta forma estou convidando a vocês, pais de alunos, bem como a seu filho, a participarem voluntariamente da minha pesquisa.

A pesquisa será feita através dos questionários, dirigidos a famílias de NÃO USUÁRIOS de drogas, que seu filho levou para casa. Os dados levantados serão utilizados exclusivamente para a finalidade proposta e os questionários serão anônimos e sigilosos, para garantir a fidelidade das respostas.

Após esta fase, serão selecionadas aleatoriamente 04 famílias participantes para serem submetidas a uma entrevista mais detalhada sobre os temas assinalados no questionário. Os participantes desta segunda etapa serão agraciados com um exemplar do livro: “Drogas: Como Evitar – Um Manual Para Pais e Educadores” da Editora Ultimato.

Caso seja de seu interesse contribuir com nossa pesquisa, envie a ficha anexa, devidamente preenchida para a coordenação do colégio e aguarde contato por parte de um membro de nossa equipe.

Desde já agradecemos por sua disposição,

Atenciosamente,

Carlos Tadeu Grzybowski

Psicólogo - Terapeuta familiar - CRP 08/1117

Mestrando em Psicologia da Adolescência

Caixa Postal 900 80011-970 Curitiba Pr. - E-mail: catito@avalon.sul.com.br

ANEXO 9

CARTA ÀS INSTITUIÇÕES DE ATENDIMENTO A USUÁRIOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA DA ADOLESCÊNCIA

Curitiba, 03 de julho de 2000.

Prezados Senhores:

Na qualidade de mestrando do curso de psicologia da infância e da adolescência da UFPR, estou em fase final de minha tese que versa sobre o relacionamento familiar e o uso de drogas pelos adolescentes.

Nesta fase de coleta de dados, estou trabalhando com dois grupos, sendo um de usuários de drogas ilegais e outro grupo de controle de não usuários, com a aplicação de questionários e entrevistas em ambos os grupos.

A amostra do grupo de usuários estou obtendo junto às instituições de tratamento de dependentes químicos (hospitais psiquiátricos, casas de recuperação, etc.), e a amostra do grupo de não usuários estou levantando junto às instituições de ensino de classe média na cidade de Curitiba.

Minha solicitação então, é no sentido da permissão por parte da direção desta instituição para realizar a pesquisa junto às famílias de usuários de drogas, fazendo uma escolha aleatória dentre o rol de internos da instituição e aplicando um questionário de pré-seleção entre as famílias sorteadas para adequação da amostra.

Certos de vossa compreensão e apoio nos colocamos ao inteiro dispor para maiores esclarecimentos,

Atenciosamente,

Carlos Tadeu Grzybowski
CRP 08/1117
Fone/fax: (41) 223.5415
e-mail catito@avalon.sul.com.br

ANEXO 10

INSTRUÇÕES DE PREENCHIMENTO DOS QUESTIONÁRIOS (Para famílias de não-usuários)

Senhores Pais:

Em anexo enviamos aos senhores os questionários “FAM III: ESCALA DE RELACIONAMENTOS DIÁDICOS” e “FOLHA DE ANÁLISE DE CONFLITOS”, que fazem parte de nossa pesquisa sobre relacionamento familiar e uso de drogas pelo adolescente.

Da mesma forma seu filho recebeu da coordenação do Colégio, dois questionários similares, acrescidos de uma folha de triagem.

As respostas dadas a estes questionários serão mantidas sob anonimato e sigilo, sendo utilizada tão somente para levantamentos estatísticos. Portanto pedimos que as respostas sejam a absoluta expressão da verdade.

Pedimos que os mesmos sejam respondidos individualmente por cada cônjuge e pelo filho, sem a consulta prévia ou interferência sobre as respostas dos demais membros da família que estejam respondendo ao questionário.

Para uma questão de análise comparativa de dados, solicitamos que no canto superior direito, onde consta o item Nº, seja colocado, em todos os questionários, o número de chamada e a série que o aluno (seu filho) esteja cursando.

Finalmente solicitamos que os questionários sejam devolvidos à coordenação do colégio no menor prazo possível, preferencialmente até o final da corrente semana.

Antecipadamente agradecemos sua disposição em participar e caso desejem receber maiores informações sobre o resultado da pesquisa, entrem em contato conosco pelo endereço abaixo,

Atenciosamente

Carlos Tadeu Grzybowski
CRP 08/1117
Fone/fax: (41) 223.5415
e-mail catito@avalon.sul.com.br

ANEXO 11

INSTRUÇÕES DE PREENCHIMENTO DOS QUESTIONÁRIOS (Para famílias de usuários)

Senhores Pais:

Em anexo enviamos aos senhores os questionários “FAM III: ESCALA DE RELACIONAMENTOS DIÁDICOS” e “FOLHA DE ANÁLISE DE CONFLITOS”, que fazem parte de nossa pesquisa sobre relacionamento familiar e uso de drogas pelo adolescente.

Da mesma forma estamos enviando a seu filho, dois questionários similares, acrescidos de uma folha de triagem.

As respostas dadas a estes questionários serão mantidas sob anonimato e sigilo, sendo utilizada tão somente para levantamentos estatísticos. Portanto pedimos que as respostas sejam a absoluta expressão da verdade.

Pedimos que os mesmos sejam respondidos individualmente por cada cônjuge e pelo filho, sem a consulta prévia ou interferência sobre as respostas dos demais membros da família que estejam respondendo ao questionário.

Para uma questão de análise comparativa de dados, solicitamos que no canto superior direito, onde consta o item N^o, seja colocado, em todos os questionários, o mesmo número ou um símbolo que identifique os mesmos.

Finalmente solicitamos que os questionários sejam devolvidos para endereço que consta abaixo no menor prazo possível, preferencialmente até o final da corrente semana.

Antecipadamente agradecemos sua disposição em participar e caso desejem receber maiores informações sobre o resultado da pesquisa, entrem em contato conosco pelo endereço abaixo,

Atenciosamente

Carlos Tadeu Grzybowski
CRP 08/1117
Caixa Postal 900 – 80011-970 Curitiba PR
Fone/fax: (41) 223.5415
e-mail catito@avalon.sul.com.br